



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

LILIANA ROCHA DE LIMA LOCATELLI

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: O
SUFIXO *-INHO(A)* SOB AS PERSPECTIVAS TRADICIONAL E LINGUÍSTICA E
SUAS NUANCES SEMÂNTICAS

JOÃO PESSOA

2022

LILIANA ROCHA DE LIMA LOCATELLI

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: O
SUFIXO *–INHO(A)* SOB AS PERSPECTIVAS TRADICIONAL E LINGUÍSTICA E
SUAS NUANCES SEMÂNTICAS

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras,
do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua
Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Benício de Melo

JOÃO PESSOA/PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L811p Locatelli, Líliliana Rocha de Lima.

Processos de formação de palavras no português do Brasil: o sufixo -inho(a) sob as perspectivas tradicional e linguística e suas nuances semânticas / Líliliana Rocha de Lima Locatelli. - João Pessoa, 2022. 55 f.

Orientação: Maria de Fátima Benício de Melo.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. grau do substantivo. 2. Flexão e derivação. 3. Formação de palavras. 4. Sufixo derivacional-inho. I. Melo, Maria de Fátima Benício de Melo. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 801

LILIANA ROCHA DE LIMA LOCATELLI

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: O
SUFIXO –*INHO(A)* SOB AS PERSPECTIVAS TRADICIONAL E LINGUÍSTICA E
SUAS NUANCES SEMÂNTICAS

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras,
do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua
Portuguesa.

Monografia avaliada em: ____/____/2022.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Benício de Melo (DLPL/UFPB)
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maria das Graças Carvalho Ribeiro (DLPL/UFPB)
(Examinadora)

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (DLPL/UFPB)
(Examinador)

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina de Assis (DLPL/UFPB)
(Examinador Suplente)

JOÃO PESSOA/PB
2022

À Sarah (*In memoriam*), que,
por onde passou, deixou sua
força e seu perfume.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, por ter sido minha coluna em tempos difíceis e por me dar a certeza de que tudo se faz por sua vontade.

À minha família, que pôde compreender meus momentos de ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

À professora Maria de Fátima Benício de Melo, que me acompanhou nessa trajetória acadêmica em muitas situações e, em todas elas, contribuiu para que eu tivesse uma sólida formação profissional. Obrigada por sua dedicação, orientação e por compartilhar seu saber para que este trabalho se materializasse.

À professora Maria das Graças Carvalho Ribeiro, grande mestra, de quem tive o prazer e orgulho de ser aprendiz. Seu grande saber e sua paixão pela linguística foram fatores inspiradores e determinantes para a escolha do tema deste trabalho. Toda a minha gratidão e admiração.

Ao professor Pedro Farias Francelino, por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora e pelas contribuições primorosas ao aperfeiçoamento deste trabalho.

A todos os professores que passaram por minha vida e deixaram um pouco ou muito de si em mim. Eles fizeram a diferença.

À instituição UFPB, essencial no meu processo de formação, por ter me proporcionado um ambiente propício para eu desenvolver minhas aptidões acadêmicas e por ter possibilitado minha participação em um intercâmbio internacional em que pude vivenciar a experiência acadêmica em uma instituição superior de ensino em outro país e agregar conhecimentos à minha formação profissional.

RESUMO:

Um dos assuntos que ainda causam controvérsia no ensino de língua portuguesa é o que os gramaticistas nomeiam como flexão de grau dos nomes e os linguistas, como um processo de derivação sufixal. Principalmente, pelo sufixo *-inho(a)*, que, muito além de determinar dimensões espaciais, envolve aspectos semânticos na formação de novas palavras, seja pela intensificação ou pelo distanciamento da carga semântica do radical a que se agrega. O objetivo geral deste trabalho é tentar elucidar a controvérsia da categoria do grau do nome, estabelecendo um paralelo entre a gramática normativa e a perspectiva linguística, com enfoque nas nuances semânticas do sufixo *-inho(a)*. Para tanto, analisamos algumas gramáticas normativas, tais como Cunha e Cintra (2016), Cegalla (2020), Rocha Lima (2011) e os teóricos Basílio (2004; 1980), Câmara Jr. (1996), Bechara (2004), Gonçalves (2005), Laroca (1994) e Ribeiro (2014), a fim de apresentarmos uma visão mais abrangente do problema a partir de perspectivas distintas. Ao final desse estudo, analisamos quatro gramáticas escolares, utilizadas na Educação Básica, com a intenção de investigarmos como é apresentado e explorado o conteúdo ‘grau do nome’ nesses manuais. A pesquisa revelou que metade das gramáticas analisadas classificam o grau do nome como derivação; as outras, em consonância com a NGB, ainda como flexão. Todas foram categóricas ao afirmar que o diminutivo pelo sufixo *-inho(a)* não expressa apenas dimensão espacial. Contudo, na maioria delas, constatamos que, por meio dos exercícios propostos, não foi dada a devida atenção à riqueza de sentidos que ele pode expressar na linguagem em uso.

Palavras-chave: grau do substantivo, sufixo derivacional *-inho(a)*; flexão e derivação; formação de palavras.

ABSTRACT

One of the issues that still causes controversy in Portuguese language teaching is what grammarians call inflection of degree of nouns and linguists call a process of suffixal derivation. In particular, the suffix *-inho(a)*, which, far beyond determining spatial dimensions, involves semantic aspects in the formation of new words, either by intensifying or by distancing the semantic load of the root to which it is added. The general goal of this paper is to try to elucidate the controversy of the category of degree of the noun by establishing a parallel between normative grammar and the linguistic perspective focusing on the semantic nuances of the suffix *-inho(a)*. To this end, we analyze some normative grammars, such as Cunha and Cintra (2016), Cegalla (2020), Rocha Lima (2011) and theorists Basílio (2004; 1980), Câmara Jr. (1996), Bechara (2004), Gonçalves (2005), Laroca (1994) and Ribeiro (2014), in order to present a more comprehensive view of the problem from different perspectives. At the end of this study, we analyzed four school grammars, used in Elementary Education, with the intention of investigating how the content 'degree of the name' is presented and explored in these textbooks. The research revealed that half of the analyzed grammars classify the noun degree as derivation; the others, in accordance with the NGB, still classify it as inflection. All of them were categorical in stating that the diminutive by the suffix *-inho(a)* does not express only spatial dimension. However, in most of them, we found that, through the proposed exercises, not enough attention was given to the richness of meanings that it can express in language in use.

Keywords: noun degree; derivational suffix *-inho(a)*; inflection and derivation; word formation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. PROCESSOS MORFOLÓGICOS: FLEXIONAL E DERIVACIONAL – CRITÉRIOS DISTINTIVOS.....	11
1.1 MORFEMAS FLEXIONAIS E MORFEMAS DERIVACIONAIS	14
2.EXPANSÃO LEXICAL.....	17
2.1 FORMAMOS PALAVRAS PARA QUÊ?	18
3. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS SOB AS PERSPECTIVAS DA GRAMÁTICA NORMATIVA E DA LINGUÍSTICA.....	21
3.1 DERIVAÇÃO.....	22
3.2 COMPOSIÇÃO.....	23
3.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS	25
4. A CONTROVÉRSIA DO GRAU DO NOME	29
5. GRAMÁTICAS ESCOLARES EM FOCO: ANÁLISE E DISCUSSÃO	33
6. ESTUDO DO SUFIXO NOMINAL <i>-INHO(A)</i>	44
6.1 ANÁLISE DA CRÔNICA ‘DIMINUTIVOS’	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

Ao observarmos o ‘fenômeno de formação de palavras’ nas gramáticas normativas, em geral, percebemos uma preocupação exacerbada, por parte desses manuais, em apresentar listas de afixos e seus significados, com a intenção clara de apresentar a maneira como as palavras, já constituídas no léxico, são formadas. Ou seja, nesses manuais, talvez por sua natureza prescritiva, normalmente, não se considera a dinâmica do processo de formação de palavras, tampouco como o falante a põe em funcionamento.

A ideia inicial de explorarmos essa temática no presente estudo se deu pelo fato de percebermos, ao longo da trajetória acadêmica, como são apresentados os processos de formação de palavras, em especial, o processo derivacional nas gramáticas normativas. Assunto que, seguramente, nos remete à discrepância existente em torno da classificação do grau do substantivo entre gramáticos e linguistas – se se trata de flexão de grau ou de derivação sufixal –, o que pode causar certa confusão para os alunos acerca desse assunto no contexto da sala de aula. Esse fato nos conduziu, naturalmente, ao interesse em investigarmos como os manuais e gramáticas escolares da Educação Básica abordam o assunto grau do substantivo, com atenção especial aos sufixos indicadores de grau – diminutivo e aumentativo – se o protagonismo do falante é, de fato, considerado nesse processo responsável pela aeração e vitalidade da língua, por meio da criação constante de palavras que poderão ou não ser dicionarizadas.

O objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso é trazer elementos que possam elucidar a controvérsia da categoria do grau do nome, se se trata de um processo flexional ou derivacional, estabelecendo um paralelo entre a gramática normativa e a perspectiva linguística, com enfoque nas nuances semânticas do sufixo *-inho(a)*.

Ao longo dessa produção, buscamos atingir nossos objetivos específicos, quais sejam: i) apresentar as propriedades distintivas que caracterizam os dois processos morfológicos, flexão e derivação, procurando instituir-lhes os limites ii) revisitar os estudos sobre o fenômeno de formação de palavras na língua portuguesa; iii) investigar como é abordado o conteúdo ‘grau dos nomes’ e do sufixo derivacional *-inho(a)* em quatro gramáticas escolares da Educação Básica e, por fim, iv) apresentar um estudo mais aprofundado sobre o processo de derivação sufixal pelo sufixo *-inho(a)*, considerando seu alto grau de produtividade no processo de formação de palavras para o enriquecimento do léxico da língua portuguesa e suas nuances semânticas.

Para tanto, buscamos apoio nos gramáticos Cegalla (2020), Cunha e Cintra (2016), Rocha Lima (2011) e como aporte teórico nos pautamos nos estudos linguísticos de Basílio (2004), Câmara Jr. (1996), Bechara (2004), Gonçalves (2005), Laroca (1994), Ribeiro (2014), Ferrari (2014) e outros, não menos importantes, citados no decorrer desse trabalho.

O trabalho em tela é dividido em seis capítulos. No primeiro, caracterizamos os processos morfológicos, flexão e derivação, apontando os principais critérios que podem estabelecer os limites entre eles, a partir dos critérios utilizados por Câmara Jr. (1996), Laroca (1994), Bechara (1996) e Ribeiro (2014) e da perspectiva menos rígida de Gonçalves (2005). No segundo capítulo, abordamos os principais recursos responsáveis pela expansão do léxico da língua e apresentamos algumas razões pelas quais formamos palavras, sob à ótica de Basílio (2004). No terceiro capítulo, revisitamos os processos de formação de palavras, considerando a perspectiva de alguns autores, gramaticistas e linguistas, com a pretensão de fazer um breve levantamento de tais processos, bem como de apontar algumas diferenças classificatórias quando houver. No quarto capítulo, analisamos a divergência da classificação do grau do nome – o que ainda gera alguma discussão: se se refere a um processo flexional ou derivacional – considerando o que preconizam a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e os estudos linguísticos. O capítulo subsequente é voltado para a análise de quatro gramáticas escolares da Educação Básica, com o intuito de averiguarmos como é apresentado o assunto ‘grau dos nomes’, com ênfase no sufixo *-inho(a)*, verificando se a abordagem utilizada leva em consideração o aspecto dinâmico e criativo da língua nos exercícios propostos nesses manuais. No sexto capítulo, trazemos um estudo sobre o sufixo *-inho(a)*, enfatizando seu alto grau de relevância e produtividade na nossa língua para formar novas palavras semanticamente distintas das que as originou, ou seja, a evolução semântica sofrida pelo léxico, que ocorre em alguns casos, resultante da mudança ocorrida (ou não) de classes de palavras, ao sofrerem o processo de derivação. Por fim, apresentamos nossas considerações sobre os fenômenos linguísticos analisados.

A realização deste estudo teve como ponto de partida a disciplina Morfologia, ministrada pela Professora Dr^a Maria das Graças Carvalho Ribeiro, em 2018, que despertou em mim o interesse pela controversa questão do ‘Grau do Substantivo’ na língua portuguesa, o que me levou a essa pesquisa. Além disso, durante a disciplina, produzi um trabalho monográfico acerca dos processos de formação de palavras no português brasileiro, que nessa pesquisa ora implementada, objetivamos aprofundar essa temática, dando atenção especial às formações derivacionais com o sufixo *-inho(a)*, levando em consideração tanto seu alto grau de produtividade na língua quanto suas nuances semânticas.

A metodologia utilizada para o presente trabalho, sua produção e organização, possui natureza **descritiva**, pois abordamos a questão da categoria do grau do nome e buscamos apresentar divergências classificatórias, e também **documental**, já que nosso *corpus* é constituído de documentos: gramáticas normativas e manuais de linguística. Tal abordagem se deu de forma qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica, o que nos permitiu conhecer os principais autores que se debruçaram sobre a controversa questão do grau do nome e como o fenômeno se encontra na atualidade. Para tanto, traçamos um percurso pelos gramáticos Cunha e Cintra (2016), Rocha Lima (2011), Cegalla (2020), Bechara (2004), bem como pelos linguistas Basílio (1980;2004), Gonçalves (2005), Laroca (1994), Ribeiro (2014), Ferrari (2014) e Carone (1991), observando, ainda, o tratamento dispensado pelos autores à questão da derivação sufixal no português brasileiro, já que esse trabalho também se propôs a um estudo mais aprofundado sobre o fenômeno linguístico da derivação pelo sufixo *-inho(a)*.

Para melhor observarmos como é apresentado o conteúdo analisado desse estudo em sala de aula, analisamos quatro gramáticas escolares adotadas pelas escolas da Educação Básica, já que entendemos que todo nosso trabalho tem como fim o processo ensino-aprendizagem. Nesses manuais, observamos como é tratada a questão do grau dos nomes na língua portuguesa e dos diversos sentidos que o sufixo *-inho(a)* pode conferir às palavras, suas nuances semânticas. Na sequência do nosso trabalho, compilamos um número significativo de ocorrências de palavras formadas com o sufixo *-inho(a)*, considerando os seguintes aspectos: as diferentes bases ou classes gramaticais com as quais o sufixo *-inho(a)* pode agregar-se, produzindo novos sentidos; a gradação semântica de algumas palavras formadas por sufixos diminutivos ao juntar-se às bases de mesmo campo semântico; e as intenções discursivas por parte dos sujeitos da enunciação ao utilizar o sufixo *-inho(a)*. E, para melhor observarmos os efeitos de sentido produzidos por esse sufixo, achamos pertinente apresentar a crônica "Diminutivos", de Luís Fernando Veríssimo, na qual o autor ressalta, de forma descontraída, a riqueza semântica das palavras formadas pelo sufixo *-inho(a)*, com base no uso cotidiano e efetivo da língua. Ao final desse estudo, apresentamos nossas Considerações finais.

1. PROCESSOS MORFOLÓGICOS: FLEXIONAL E DERIVACIONAL – CRITÉRIOS DISTINTIVOS

Os linguistas costumam dividir a morfologia em dois ramos: a ‘morfologia flexional ou gramatical’ e a morfologia ‘lexical ou derivacional’. De acordo com Laroca (1994, p.15), “A morfologia flexional estuda as relações entre as diferentes formas de uma mesma palavra, isto é, o seu paradigma flexional, enquanto a morfologia lexical trata da estrutura das palavras e dos seus processos de formação, das relações entre paradigmas diferentes”. Um dos propósitos do texto em curso é caracterizar os dois processos morfológicos, flexão e derivação, apontando as propriedades distintivas entre eles., ou seja, critérios que estabelecem limites de oposição entre tais processos.

Ribeiro (2014, p.24) apresenta alguns aspectos característicos da Morfologia derivacional que se contrapõem à Morfologia flexional, os quais organizamos no seguinte quadro:

MORFOLOGIA FLEXIONAL	MORFOLOGIA DERIVACIONAL
Processo obrigatório, regular e previsível, imposto pela própria natureza da frase, em virtude das regras de concordância verbal e nominal.	Processo optativo, de caráter aleatório e não obrigatório. Por exemplo, o falante pode dizer: <i>‘Era uma velhinha paupérrima’</i> ou <i>‘Era uma velhinha muito pobre’</i> ou <i>‘Era uma velhinha pobrezinha’</i>
Processo sistemático e coerente, que impõe implicações sintáticas e obedece, obrigatoriamente, ao paradigma da conjugação a que o verbo (por exemplo) pertence, obedecendo o tempo exigido e apenas ele.	Processo ametódico ou assistemático, não homogêneo/coerente e que não obedece a uma frequência regular para toda uma classe do léxico. Por exemplo: <i>cantar</i> → <i>cantarolar</i> , <i>saltar</i> → <i>saltitar</i> , <i>beber</i> → <i>bebericar</i> .
Processo excludente, que não admite outra possibilidade dentro de um mesmo paradigma. Por exemplo, o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo não permite outra alternativa que não seja utilizar, na segunda oração, um verbo no futuro do pretérito do indicativo. Vejamos: ‘Se ele se preocupasse com sua carreira, faria mais cursos de formação.’	Caracteriza-se por ser um processo não exaustivo, ou seja, um modelo não chega necessariamente a excluir o outro, como em: caso – casual – casualidade - casinho – casualmente ; velho – velhote – velhinho – velhusco – velharia .
Processo de caráter limitado pelo uso de elementos de um inventário fechado em que não propicia o surgimento de novos itens lexicais.	Processo de caráter aberto, pois novos itens lexicais são criados constantemente, para atender às necessidades dos falantes.
Há uma estabilidade semântica na flexão. Uma forma nominal ou verbal flexionada não sofre	No processo derivacional o novo vocábulo pode distanciar-se (em maior ou menor grau) do sentido

alteração semântica e mantém seu sentido lexical básico. Não há mudança de classe gramatical.	da palavra que a originou. Pode ocorrer ou não uma mudança de classe gramatical.
---	--

Quadro 1: Elaborado pela autora (2022). Critérios distintivos entre a Morfologia Flexional e a Morfologia Derivacional. (RIBEIRO, 2014, p. 24-26)

Câmara Jr. (1996) e Bechara (2004) destacam o critério de ‘concordância’ para flexão e da não-concordância para a derivação. Observemos a oração:

“Futuramente, saberemos sobre os efeitos dessa droga na humanidade.”

No enunciado acima, percebemos que a flexão é uma exigência da concordância verbal ou nominal, uma prescrição de caráter morfossintático; uma obrigatoriedade da própria natureza da oração, pois há uma evidente relação de dependência entre ‘saberemos’ (forma verbal de 1ª pessoa do plural) e ‘nós’ (sujeito desinencial) pela concordância na primeira pessoa do plural e, também, da coerente combinação sintagmática entre o advérbio ‘futuramente’ e o emprego do tempo verbal futuro do presente do modo indicativo, em ‘saberemos’.

Já nas formas derivacionais, como em *morar* → *morador* e *fraco* → *fraqueza*, *morador* se relaciona com *morar*, por meio do sufixo derivacional *-dor* (tem sentido de ‘agente da ação’). O mesmo podemos dizer de *fraqueza*, que se deriva de *fraco* por meio do sufixo derivacional *-eza* (que indica qualidade). Ambos os pares são formados por palavras distintas entre si, pois pertencem a paradigmas distintos.

Outro critério a ser considerado é o que Laroca (1994) chama de ‘obrigatoriedade’ e, conseqüentemente, ‘previsibilidade’ da flexão; enquanto que na derivação há uma **‘não-obrigatoriedade’** na escolha do sufixo a ser utilizado. O falante pode escolher dizer: ‘Morávamos em uma *cidadezinha*’ ou ‘Morávamos em uma *cidadela*’ ou, ainda, ‘Morávamos em uma *cidade pequena*’.

Câmara Jr. (1996), por seu turno, nomeia esse critério como ‘opcionalidade’, para os sufixos derivacionais e ‘não-opcionalidade’ para os morfemas flexionais e assegura que “o grau não é flexão, mas uma derivação possível para nomes adjetivos e substantivos”. Um outro critério refere-se à regularidade e à irregularidade. Os morfemas derivacionais apresentam-se de forma não regular e não sistemática na língua (ver Quadro 2). Sobre esse aspecto, o autor em tela afirma:

As palavras derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere. De cantar, por exemplo, deriva-se cantarolar, mas não há derivações análogas para falar e gritar, outros dois tipos de atividade da voz humana. Os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso. (CÂMARA JR., 1996, p. 81)

Podemos perceber o mesmo padrão irregular e assistemático no adjetivo ‘*daninho/a*’ = [dano + -inha] = (nocivo, mau, prejudicial). Vejamos os exemplos:

A - São pessoas *daninhas*, melhor não se aproximar delas.

B - “Erva *daninha* é uma planta da qual ainda não se descobriram as virtudes.” (Ralph Waldo Emerson)

Nesses exemplos, o mais esperado para o sentido que se quer produzir (‘pessoas maléficas’ ou ‘erva nociva’) seria pela utilização do sufixo *-oso(a)*, já que esse sufixo traduz a ideia de ‘*algo que é provido ou cheio de*’, como em *venenoso(a)*, *perigoso(a)*, *maldoso(a)*, e, nesse caso, formar ‘*pessoas danosas*’, forma pouco utilizada. Ou, de outra forma, pelo uso do sufixo *-ento*, que tem sentido de ‘*que tem o caráter de*’, como nas palavras do mesmo campo semântico: *pestilento*, *bixiguento*, *virulento*. Nesse caso, produzindo as formas agramaticais: pessoas *danentas e erva *danenta. Contudo, a forma privilegiada é ‘*daninha*’, apontando que não há uma regularidade (ao contrário, há uma aleatoriedade) para uma classe homogênea do léxico quanto à escolha do afixo.

Rocha (1998, p. 7) apresenta os critérios de oposição adotados por Câmara Jr. para a distinção entre os morfemas flexionais e os derivacionais:

FLEXÃO	DERIVAÇÃO
A – Regularidade Os morfemas flexionais apresentam-se de maneira regular e sistêmica.	A – Irregularidade Os morfemas derivacionais apresentam-se de maneira irregular e assistemática.
B – Concordância Os morfemas flexionais são exigidos pela natureza da frase	B – Não concordância Os morfemas derivacionais não são exigidos pela natureza da frase.
C – Não-opcionalidade Os morfemas flexionais não dependem da vontade do falante para serem usados.	C – Opcionalidade Os morfemas derivacionais podem ser usados ou não, de acordo com a vontade do falante.

Quadro 2: Critérios distintivos de Mattoso Câmara Jr. apontados por Rocha (1998, p.7)

A esses critérios, Laroca (1994) ainda acrescenta mais dois: 1) a estabilidade e o grau de relevância semântica, que diz respeito à mudança de sentido que uma palavra pode sofrer e 2) a mudança de classe gramatical. A linguista afirma que a flexão possui estabilidade semântica, por exemplo, no plural dos nomes, a rigor, expressam o sentido de ‘mais de um’ e, nesse caso, o sentido permanece. Já na derivação, podem ocorrer extensões e até deslizamentos de sentido, como em: *orar* → *oração* (que, além do seu significado primeiro ‘prece’, pode significar ‘enunciado linguístico em que há presença do verbo’; *passar* → *passadeira* (que além do seu significado primeiro ‘pessoa que passa a ferro as roupas lavadas e secas’, pode significar ‘peça longa e estreita de tapete’.

Nesse caso, as palavras derivadas receberam sentidos que se distanciam, em um grau maior ou menor, das palavras que lhes deram origem pelo processo derivacional, como nos exemplos citados pela autora acima citada:

Alto → *altura* (dimensão vertical de um corpo, da base para cima);

Alto → *altitude* (altura em relação ao nível do mar);

Alto → *alteza* (tratamento dado aos príncipes e princesas).

Por fim, Laroca (1994) afirma que “os constituintes flexionais não mudam a classe de palavras, como em: *livro/livros* (ambos substantivos); *cantar/cantávamos* (ambos verbos). Já os constituintes derivacionais podem mudar-lhe ou não a classe”, como em:

Bravo (adj.) → *bravura* (subst.); *correr* (verbo) → *corredor* (subst.); *contente* (adj.) → *descontente* (adj.); *nacional* (adj.) → *nacionalizar* (verbo).

Numa perspectiva menos rígida, Gonçalves (2005) sugere que

[...]flexão e derivação apresentam tanto semelhanças quanto diferenças, não havendo, portanto, limites intransponíveis entre elas’ e que os dois processos morfológicos [...] não envolveriam uma posição discreta, mas gradiente, sendo interpretadas como um processo morfológico único, de natureza escalar e contínua. (GONÇALVES, p. 118).

Essa visão mais fluida entre os limites da flexão e da derivação cada vez mais tem chamado atenção de linguistas e de estudiosos que tendem a não considerar a rigidez classificatória entre dois processos morfológicos.

1.1 MORFEMAS FLEXIONAIS E MORFEMAS DERIVACIONAIS

Segundo Bechara (2004, p. 334), “morfema é a unidade mínima significativa que integra a palavra”. Esse elemento apresenta uma informação lexical (morfemas lexicais) ou

gramatical (morfemas gramaticais). Para esse trabalho, consideramos os morfemas gramaticais (gramemas) que englobam as formas presas (formas que não têm autonomia formal, nem fonológica, e que, portanto, quando sozinhas, não são suficientes para constituírem um enunciado). Tais formas podem ser: 1) **derivativas** (prefixos e sufixos) e as 2) **flexionais** (vogal temática e desinências nominais e verbais). Os critérios de oposição entre tais morfemas foram apresentados no início desse capítulo, considerando a concepção de Câmara Jr. (1996) e alguns critérios acrescentados por Laroca (1994). Na sequência, apresentaremos as contribuições de Carone (1991) e Gonçalves (2005) sobre o assunto.

De acordo com Carone (1991, p. 39), a única semelhança entre os morfemas flexionais e os afixos é que, em ambos, seu número é limitado (inventário fechado e estável), muito embora o número de afixos seja maior na língua. Já Gonçalves (2005, p. 85-86), em oposição a Carone, entende que o inventário dos afixos derivacionais não é restrito e faça parte do sistema aberto da língua, podendo ser ampliado, e nos exemplifica com o sufixo *-ê*, que carrega em si a ideia de ‘*excesso de*’, como podemos observar nas palavras, principalmente na linguagem informal: *fumacê*, *balancê*, *lamacê*, *miserê*, entre outras palavras e afirma “que (o sufixo) *-ê* contribui com o mesmo significado em todas as formas, podendo ser caracterizado como um neo-sufixo do português”, encerra o autor. Acrescentamos também a esse rol *conversê* (conversa fiada, conversa mole que se repete), *trelelê* (ato de jogar conversa fora; conversa à toa repetitiva), *aguacê* (chuva súbita e abundante).

Entretanto, quanto ao comportamento, os morfemas flexionais são mutuamente excludentes, e os afixos não o são, pois podem estar presentes harmonicamente em uma mesma palavra e possuem caráter irrestrito. Por exemplo, se uma forma está na terceira pessoa do singular, exclui-se a possibilidade de que ela esteja na primeira pessoa do plural. Vejamos no exemplo:

*“A operação da Polícia Federal foi responsável pela **megadesestruturalização** dos esquemas tenebrosos que envolviam políticos, funcionários de estatais e empreiteiras financiadas por bancos públicos.”*

Na palavra ‘*megadesestruturalização*’, há dois prefixos (*mega-* e *des-*) e três sufixos (*-al*, *-izar* e *-ação*), convivendo pacificamente e, dessa forma, evidenciando que “o número de afixos numa palavra não é tão restrito e limitado como na flexão: podemos articular quantos forem necessários para a expressão de um dado conteúdo”, como afirma Gonçalves (2005, p. 81), expondo, dessa forma, que a derivação não apresenta limite estabelecido.

Observemos, ainda, os seguintes exemplos elencados por nós:

Salãozinho (*sala* → *salão* → *salãozinho*); **dentucinha** (*dente* → *dentuça* → *dentucinha*).

Ambas as palavras receberam um sufixo com sentido, primordialmente, aumentativo (-*ão* e -*uça*) e, logo após, outro sufixo com sentido de diminutivo (-*zinho* e -*inha*), sem que, com isso, haja algum desconforto ou transgressão ao sistema de formação de palavras da língua portuguesa. Observamos que, ao receber o primeiro sufixo (aumentativo), houve, imediatamente, uma mudança de sentido da palavra original, que, na sequência, o sufixo diminutivo veio agregar diminuição de tamanho ou manifestação de afeto. Sobre isso, Gonçalves (2005, p. 82) entende que “afixos que, em princípio, disputariam a mesma posição na cadeia sintagmática podem aparecer juntos na mesma palavra, não havendo, com isso, qualquer incompatibilidade semântica.”, atesta o autor.

No próximo capítulo, trataremos dos principais recursos responsáveis pela expansão lexical e os principais motivos pelos quais os falantes criam palavras.

2. EXPANSÃO LEXICAL

O léxico, conjunto de palavras de que uma língua dispõe, está sujeito a constantes transformações em função do desenvolvimento da fala e da escrita. Por ser a língua um organismo vivo, a criação de novas palavras é um processo natural por seus usuários, sempre que houver necessidade de utilizar novos vocábulos para designar novas ideias, conceitos, comportamentos ou novos objetos, propiciando, dessa forma, que um novo item lexical seja criado. Enquanto alguns vocábulos surgem, outros caem em desuso, desaparecem ou podem ganhar novo valor semântico. A língua se vale de vários recursos de expansão lexical, designados como processos de formação de palavras. Para que uma nova palavra seja criada, podemos dispor de três principais recursos: utilizar elementos que já estão presentes da língua, os recursos internos; tomar de empréstimo um termo de origem estrangeira, os estrangeirismos, ou modificar o significado de uma palavra já existente, conferindo-lhe novo significado, os neologismos.

O léxico da língua portuguesa é constituído, em grande parte, por vocábulos oriundos do latim e do grego, aos quais se adicionam outros emprestados de idiomas diversos, primeiramente, de povos que exerceram muita influência social, cultural e política em Portugal. Posteriormente, ao chegar aos trópicos, a língua portuguesa no Brasil foi, continuamente, sendo enriquecida por outras línguas de povos que aqui se fixaram, além das línguas primitivas/indígenas que já circulavam, línguas de diversos países africanos, assim como as línguas francesa, italiana, espanhola, por exemplo. Dessa forma, grande parte do léxico veio da incorporação de palavras e expressões estrangeiras que entraram no idioma por um processo natural, em decorrência do contato cultural. Todavia, os recursos mais atuantes para o enriquecimento do léxico na língua portuguesa são os internos ao sistema, que estão sempre a postos para entrarem em processo e desencadear a formação de novas palavras.

Conforme ressaltamos na parte introdutória deste trabalho, ao observarmos o fenômeno da formação de palavras pela ótica tradicional em gramáticas normativas, percebemos uma preocupação exacerbada, por parte desses manuais, em apresentar listas de afixos e seus significados com a intenção clara de demonstrar a maneira como as palavras, já constituídas no léxico, são formadas. Ou seja, nesses manuais, talvez por sua natureza normativa, não se considera a dinâmica do fenômeno de formação de palavras, nem como o falante a põe em funcionamento. Não desmerecemos aqui todo o trabalho descritivo e de grande contribuição para o estudo dos processos lexicais nesses manuais, apenas entendemos

a língua como um processo dinâmico em que seus usuários têm papel ativo e total autonomia para criar palavras na língua. A importância de conhecer e classificar os elementos formadores de palavras nos permite ampliar a possibilidade de criar palavras de forma eficaz e adequada, e isso a gramática tradicional cumpre pela sua nobre função organizadora e guardiã de um tesouro coletivo. Com o surgimento da Linguística, uma nova perspectiva se voltou para como e quais aspectos são considerados pelos usuários da língua ao fazer escolhas de elementos produtivos na criação de uma nova palavra; além de procurar descrever como um falante põe em funcionamento essa dinâmica, ao considerar sua criatividade e competência linguística.

Expostos os critérios opositivos entre os dois processos morfológicos da língua portuguesa no Capítulo 1 desse trabalho, em que demos ênfase ao processo derivacional de formação de palavras, apresentaremos algumas razões pelas quais os falantes sentem necessidade de criar novas palavras; considerando não apenas o que a gramática normativa preconiza, mas também a dinâmica desse processo e como o falante a põe em funcionamento, o que vai muito além de conhecer o inventário de afixos da língua, mas passa pelo conhecimento internalizado dos falantes, que utilizam esse conhecimento para entender e criar uma nova palavra, ou seja, sua '*competência lexical*'¹. Esse termo diz respeito à forma de como se acham organizados os itens lexicais na mente dos falantes e das regras que lhes possibilitam reconhecer a estrutura interna de tais itens para formar novas formas linguísticas concebíveis (itens lexicais).

2.1 FORMAMOS PALAVRAS PARA QUÊ?

Basílio (2004) afirma que, como falantes de uma língua, temos liberdade para criar novas palavras, desde que sejam respeitadas as condições de produtividade, ou seja, as possibilidades de formação, que são livres desde que se respeite a gramática da língua, de modo a gerar formas morfollogicamente possíveis, ainda que não dicionarizadas. Já as condições de produção dizem respeito a fatores extralinguísticos, que determinam a aceitação da nova palavra e se será ou não institucionalizada e dicionarizada

¹ Termo oriundo do Gerativismo, corrente de estudos Linguísticos, que surgiu na década de 1950 a partir do linguista Noam Chomsky e que embasa uma abordagem gerativa na Morfologia.

Para ilustrar esse aspecto, temos um vocábulo relativamente novo no Brasil surgido no ano de 2005 – *mensalão*² – termo cunhado para designar um grande e complexo esquema de corrupção de parlamentares brasileiros, que recebiam altas mesadas em troca de voto e que revelou um hábito pernicioso entre um grupo de políticos, altos funcionários de estatais e empresários. Primeiramente, a palavra ‘mês’ (proveniente do Latim ‘*mensis*’) recebeu o sufixo *-al* (que tem sentido de ‘relação’, ‘pertinência’, ‘reunião’), mudando de categoria de substantivo para adjetivo ‘*mensal*’. Posteriormente, recebeu o sufixo aumentativo *-ão*, formando uma nova palavra, que já consta nos dicionários brasileiros: ‘*mensalão*’, e que, a propósito, recebeu um sentido próprio, já explicado anteriormente. Apesar de raramente formarmos palavras anexando o sufixo aumentativo *-ão* a bases adjetivas terminadas em *-al*, tal vocábulo veio suprir uma necessidade linguística dos falantes, o que Ferrari (1998) explica, ao citar Rocha (1999), como sendo um dos fatores que concorrem para a formação de novos itens lexicais: a ‘necessidade de rotulação’, ou seja, para algo novo que surge, há uma necessidade de se nomear, já que se trata de um processo de caráter aberto.

Basílio (2008) completa, ainda, que “as abordagens que são utilizadas para explicação do fenômeno de formação de palavras são sempre descritas através de classes gramaticais”, ou seja, utilizamos afixos com a finalidade primeira de mudar a classe gramatical de uma palavra. Por exemplo:

Orar (verbo) → oração (substantivo); atenção (substantivo) → atencioso (adjetivo).

A autora ainda apresenta um motivo bastante recorrente, que é o acréscimo semântico numa significação lexical básica, como, por exemplo, no uso do sufixo *-eiro(a)*, que quando adicionado a substantivos, na maioria das vezes, não visa a mudar a classe gramatical, mas sim formar substantivos que indicam alguma atividade sistemática exercida por um indivíduo ou, ainda, lugar onde se guarda algo, como nos pares das seguintes palavras:

Açougue → açougueiro; fazenda → fazendeiro; sabonete → saboneteira; açúcar → açucareiro.

Melo (1995, p. 301), em contrapartida, atesta que “o sufixo *-eiro* pode entrar nas formações de substantivos e de adjetivos, dependendo das características da base”, como em: *Trambique (subst.) → trambiqueiro (adj.); fofoca (subst.) → fofoqueiro (adj.)*. Observa-se que, nesses casos, deve-se levar em conta a carga semântica negativa da base,

² Dicionário Michaelis on-line: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mensal%C3%A3o/>

que pode ser intensificada, ao relacionar-se com o sufixo *-eiro*, levando a uma mudança de classe.

No tocante às palavras formadas por prefixação, elas apenas formam outra semanticamente relacionada, apresentando um distanciamento semântico específico em relação à palavra-base, já que, geralmente, os prefixos não costumam mudar a classe da palavra a que se juntaram, como, por exemplo, no uso do prefixo *re-*, que indica repetição: *recomeçar*, *reestruturar*, *reler*, assim como o prefixo *des-* para formar antônimos, como em *considerar* → *desconsiderar*; *aprovar* → *desaprovar*; *conhecer* → *desconhecer*, como também em outros prefixos.

Todavia, conclui Basílio (2004, p.10), “a razão básica de formarmos palavras é que seria muito difícil para nossa memória – além de pouco prático – captar e guardar formas diferentes para cada necessidade que nós temos de usar palavras em diferentes contextos e situações”. Em outros termos, e acatando a afirmação da autora, a razão primeira pela qual usuários de uma língua formam palavras que tenham proximidade semântica a partir do uso dos afixos – estocados nas mentes dos falantes e lançados mão cada vez que sua competência linguística seja desafiada para criar uma nova palavra – se traduz na flexibilidade e economia, para evitar a sobrecarga da memória, já que não seria necessário utilizar uma palavra específica para um novo significado, mas apenas fazer combinação apropriada desses elementos (afixos derivacionais), desde que atendam às condições de produtividade, já explicitadas anteriormente.

O próximo passo desse trabalho será revisitar alguns autores, do âmbito da gramática normativa e da perspectiva linguística, sobre os processos de formação de palavras mais significativos na língua portuguesa.

3. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS SOB AS PERSPECTIVAS DA GRAMÁTICA NORMATIVA E DA LINGÜÍSTICA

Bechara (2004, p.351) afirma que, “de todos os processos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e a sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.”

Cunha e Cintra (2016, p. 97) chamam o processo de formação de palavras o “conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais”, já que consideram os afixos de derivação ou os procedimentos de composição como os principais processos na formação de palavras.

Segundo Laroca (1994, p.83), “a criação de novas palavras vem atender às necessidades sociais, culturais e psicológicas numa comunidade linguística” e vários são os processos de formação de palavras que atuam em uma língua.

Podemos observar que os três autores, acima citados, abordam motivações internas e externas à língua para caracterizar o fenômeno de criação de palavras, já que esse processo envolve aspectos estruturais da língua, como também fatores extralinguísticos.

Laroca (1994) afirma que as palavras podem ser de duas ordens: primitivas e derivadas. As primeiras, afirma a autora, “são aquelas que não se formam de nenhuma outra e que permitem que delas se originem novas palavras no idioma”, citamos, como exemplos: *dente, ferro, lua*; enquanto que, segue a autora, “palavras derivadas são aquelas que se formam de outras palavras da língua pelo acréscimo ao seu radical de um afixo (prefixo ou sufixo)”, citamos, como exemplo: *dental, férreo, enluarado*. Os afixos derivacionais, prefixos e sufixos, respondem por grande parte da proliferação do léxico nos processos de formação de palavras. Outra classificação é pela quantidade de radicais que tem a palavra: palavras simples possuem apenas um radical, como em ‘*marinha*’, e palavras compostas possuem mais de um radical, como em ‘*cavalo-marinho*’.

Apresentaremos, na sequência, alguns dos processos que se manifestam com maior frequência na língua para a formação de palavras e as nomenclaturas distintas, utilizadas por diferentes autores, quando existirem. Entretanto, ao longo desse trabalho, buscaremos nos aprofundar no processo de formação de palavras por ‘derivação’, já que parte desse estudo se voltou ao estudo do sufixo derivacional *-inho(a)*, responsável pela alta produtividade no enriquecimento do léxico na língua portuguesa.

3.1 DERIVAÇÃO

O processo de formação de palavras ‘derivação’ resulta em formar palavras a partir de outra primitiva por meio de afixos, prefixos e sufixos, e pode ser de três tipos: a) **derivação prefixal**, quando um prefixo se une a uma base (morfema lexical), exemplos: *infeliz*, *refazer*, *descascar*; b) **derivação sufixal**, formam-se novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios, quando um sufixo se une a um radical, exemplos: *bondade*, *surfista*, *perigosamente*, *sucatear*, *chuvisco*, *gotícula*, etc; c) **parassíntese**, que consiste na agregação simultânea do prefixo e do sufixo ao radical (morfema lexical) e é muito produtiva na criação de verbos, exemplos: *abotoar*, *encabeçar*, *desconstruir*, *empoderar*. Laroca (1994) considera que, no processo de formação de palavras no português, a derivação parassintética é responsável por uma grande produtividade, principalmente com bases substantivas, como em: *banana* → *en-* + *banana* + *-ar* = *embananar*; *veneno* → *en-* + *veneno* + *-ar* = *envenenar*; *sabão* → *en-* + *sabão* + *-ar* = *ensaboar*. Contudo, há muitas bases adjetivas que sofrem o fenômeno, como em: *amolecer* → *a-* + *mole* + *-cer*; *esfriar* → *es-* + *fri(o)* + *-ar*; *endoidecer* → *en-* + *doid(o)* + *-ecer*.

Além desses três tipos de derivação apontados acima, há, ainda, dois outros tipos: a derivação regressiva e a derivação imprópria, e em ambos os casos, não se tem a presença de afixos na palavra derivada.

3.1.1 DERIVAÇÃO REGRESSIVA

O processo mais previsível na língua portuguesa é criação do verbo a partir de um substantivo. Na *derivação regressiva*, o fenômeno linguístico ocorre em sentido inverso: o substantivo é formado a partir do verbo, por exemplo, em *agitar* (verbo) → *agito* (substantivo); *gargarejar* (verbo) → *gargarejo* (substantivo); *pescar* (verbo) → *pesca* (substantivo), etc.

De acordo com Cunha e Cintra (2016, p. 117), “a derivação regressiva consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise na sua estrutura”. Esse tipo de processo é bastante produtivo na formação de substantivos deverbais ou pós-verbais, que são formados pela união de uma das vogais *-o*, *-a* ou *-e* ao radical do verbo, como em: *abalar* (verbo) → *abalo* (deverbal); *recuar* (verbo) → *recuo* (deverbal); *levantar* (verbo) → *levante* (deverbal).

3.1.2 DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA/ CONVERSÃO

O processo pelo qual as palavras mudam de classe gramatical sem sofrer mudança na forma é chamado ‘*derivação imprópria*’ e acontece, por exemplo, em: ‘*Ele tem o hábito de falar alto*’. Nesse caso, a palavra ‘*alto*’, que originariamente era adjetivo, passou a ser advérbio. Também em ‘*Analisei os prós e os contras e decidi que viajarei ainda hoje*’, neste caso, as palavras ‘*prós*’ e ‘*contra*’, que são da classe dos advérbios, mudaram para classe dos substantivos e, com isso, “há uma consequente aquisição de todas as características gramaticais da nova classe”, como afirma Ferrari Neto (2014, p. 69). Bechara (1967, p.228), por sua vez, nomeia esse processo de ‘**conversão**’ e entende que ele não deva fazer parte do processo de formação de palavras, pois “não repercute na estrutura do significante de base”. Da mesma forma, Cunha e Cintra (2016, p.119) afirmam que “não deve ser incluída no processo de formação de palavras, pois pertence à área da semântica e não à da morfologia”. Entretanto, entendemos que esse é um recurso que os falantes utilizam com frequência como forma de expressividade e que, também, favorece o enriquecimento da língua.

3.2 COMPOSIÇÃO

O processo de ‘**composição vocabular**’ resulta na formação de uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais, que, ao final, será provida de um novo significado, como em: *vitória-régia* (nome de uma planta) e *pontapé* (ato de chutar). Pode ocorrer por justaposição: quando não há alteração dos radicais que se unem, como em ‘*couve-flor*’, ‘*madrepérola*’, ou por aglutinação: quando há alteração em um dos radicais, como em ‘*embora*’ (em + boa + hora) e ‘*aguardente*’ (água + ardente). Laroca (1994, p. 90) acrescenta ainda a ‘*truncção*’, isto é, junção com fragmentação de bases, como em: *showmício* (show + comício) e *brasiguai* (brasileiro + paraguaio). A esse processo, Bechara (2004, p. 372) nomeia como ‘*combinação*’, em que “nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram na formação, por exemplo, aborrecer + adolescente → *aborrecente*, sofrer + professor → *sofressor*”. A autora, acima referenciada, ainda afirma que, devido à frequência de uso, alguns morfemas comportam-se como verdadeiros afixos, os quais ela decidiu chamar de neo-prefixos e neo-sufixos, como, por exemplo: *megaevento*, *plurianual*, *minimercado*, *sambódromo*, *besteirol*, etc. E, ainda, acrescenta o processo ‘**composição sintagmática**’, que é a que “os membros integrantes se encontram em uma íntima relação sintática, morfológica e semântica, de modo a constituir uma única unidade

léxica”, como nos exemplos apontados pela autora: ‘*bode expiatório*’, ‘*condomínio fechado*’, ‘*cesta básica*’.

Observemos os exemplos:

A – Seu carro está muito sujo. Sugiro que deva ser **lavado a jato**.

B – O **lava a jato** da esquina não abre às segundas-feiras.

C – “Acabei com a **Lava Jato**”. (BBC News Brasil, 8 outubro 2020)

A locução adverbial ‘**lavado a jato**’ (em A) especifica a forma rápida como são lavados os carros, utilizando equipamentos automáticos e pressurizados que potencializam a remoção da sujeira. A expressão também pode se apresentar como substantivo masculino, como em ‘**o lava a jato**’ (em B), quando fazemos referência ao local em que essa atividade é realizada. Em compostos como esse (B), Bechara (2004, p. 352) concebe-os como ‘*sinapsia*’ ou ‘*formação sináptica*’, por serem constituídos por mais de dois elementos em que o resultado é sempre um substantivo ou adjetivo.

No início de 2014, a Polícia Federal do Brasil realizou uma operação que investigou e prendeu políticos corruptos, grandes empresários e uma variedade de pessoas de várias esferas da sociedade envolvidas em crimes de *lesa-pátria*, que ficou amplamente conhecida como ‘Operação Lava Jato’, pois o esquema ilegal foi, primeiramente, descoberto em um estabelecimento onde se lavava carros, um ‘lava a jato’ de fachada, que, de fato, realizava a prática ilegal de ‘lavagem de dinheiro’ (prática utilizada para encobrir a origem de dinheiro ilegal). No caso (C), ‘**Lava Jato**’ (C), substantivo feminino próprio, configura-se como um *sinapsia* (já explicado acima), segundo Bechara, ou *composição sináptica*, de acordo com Laroca.

Cunha e Cintra (2016, p.122) segue classificando o processo de formação de palavras ‘**composição**’ em compostos eruditos, palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, como nos exemplos: ‘*bípede*’, ‘*vermífugo*’ e ‘*regicida*’, ‘*apicultura*’ (radicais latinos) e ‘*hemoglobina*’, ‘*taquicardia*’, ‘*poliglota*’, ‘*demagogo*’ (radicais gregos). Para além dos principais processos de formação de palavras, derivação e composição, há outros processos responsáveis pela expansão do léxico, dos quais os mais mencionados nas gramáticas tradicionais e nos manuais de linguística são abreviação vocabular, hibridismo e sigla. Em continuidade, faremos uma breve caracterização desses processos formadores de palavras, apontando distintas nomenclaturas, quando houver.

3.3 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

3.3.1 RECOMPOSIÇÃO

A recomposição é um processo de formação de palavras que, segundo Cunha e Cintra (2016, p. 127), não se enquadra nem na derivação nem na composição. Nesse processo são utilizados os pseudoprefixos, oriundos de radicais latinos e gregos, que passam a ter sentido autônomo e alto grau de independência. Um dos exemplos é o do radical grego *auto-*, cujo significado é ‘*próprio, de si mesmo*’, como nas palavras autodidata, autorretrato, autossuficiente, etc. A palavra automóvel (veículo movido por si mesmo ou que não mais necessitava de tração animal), com o passar dos anos, passou à forma abreviada ‘auto’ e, tal radical, assumiu o significado de ‘veículo’ em todos os novos compostos, como em: ‘autoelétrica’ (refere-se a parte elétrica do automóvel), autopeças (peças para automóveis), autoestrada, etc. No mesmo sentido, se comporta o radical grego *foto-*, cujo significado é ‘*fogo, luz*’, como em fotosfera (camada externa do Sol, da qual radiam a luz e o calor), fotocromático (que sofre mudança de cor pela ação da luz e do calor). A palavra ‘fotografia’ (impressão com o auxílio da luz), passou à forma abreviada ‘foto’ e tal radical ganhou, com o passar do tempo, um sentido próprio de ‘retrato, imagem’, que se comporta como um prefixo, como nas palavras *fotomontagem, fotocópia, fotonovela*, etc.

3.3.2 HIBRIDISMO

Processo de formação de palavras em que elementos de línguas diferentes se juntam e formam palavras híbridas, como nos exemplos: *bígamo* (latim + grego), *monóculo* (grego + latim), *pitangueira* (tupi + português), *fulaninho* (árabe + latim), *molequice* (*mu’leke* = que significa filho pequeno ou garoto na língua africana ‘quimbundo’ + sufixo português *-ice*, que indica qualidade ou propriedade, estado ou modo de ser). Na língua portuguesa do Brasil, por razão das línguas de povos que aqui se fixaram e se mesclaram, há uma riqueza de palavras híbridas que, assim como outros elementos culturais, fazem parte da cultura identitária de um povo.

3.3.3. ONOMATOPEIA

Segundo Cunha & Cintra (2016, p. 130), esse processo de formação de palavras diz respeito a “*palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos*”. É o caso de *ruge-ruge*, *xixi*, *zum-zum-zum*, *vapt-vupt*.

Já Laroca (1994) e Bechara (2004) nomeiam esse processo como reduplicação ou duplicação silábica. O autor afirma que esse processo é usado nas onomatopeias e que “consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância de sons vocálicos, para formar uma palavra imitativa.” (BECHARA, 2004, p. 371). Dessa forma, palavras que exprimem vozes de animais, sejam verbos ou substantivos, têm origem onomatopeica, como em ‘*miar*(verbo)/ *lo miado* (substantivo), *lmiiau* (som onomatopeico)’ do gato; também em ‘*coaxar* (verbo)/ *coaxo* (substantivo)/ *croac croac* (som onomatopeico) da rã ou do sapo, e de outros animais. As onomatopeias podem dar origem a palavras, quando se agregam a morfemas de nome ou verbo, como em *ziguezague/ziguezaguear*; *tique-taque/tiquetaquear*. Certamente, esse é um processo muito utilizado quando se quer dar mais expressividade ao discurso, principalmente na linguagem coloquial e em alguns gêneros textuais, como em histórias em quadrinhos, tirinhas e textos que trabalhem a sonoridade, como na poesia, música e até mesmo na prosa.

3.3.4. ABREVIACÃO VOCABULAR / REDUÇÃO VOCABULAR/ BRAQUISSEMIA

Como uma tendência geral em todas as línguas, esse recurso propicia uma economia na comunicação, como podemos observar nos exemplos: *foto* (por fotografia), *pneu* (por pneumático), *moto* (por motocicleta). ‘*Redução vocabular por abreviação*’ é o termo que Laroca (1994, p. 91) utiliza para nomear esse processo, enquanto Monteiro (2002, p. 174) utiliza o termo braquissemia, para se referir ao “emprego de parte de um vocábulo pelo vocábulo inteiro”, que se ancora no princípio da economia da linguagem para explicar o processo que a tradição gramatical reconhece como ‘**abreviação vocabular**’. Monteiro acrescenta ainda que tal processo não se encaixa nem na composição nem na derivação e pode acontecer também com nomes próprios. Observemos os exemplos no quadro abaixo:

Cerveja	<i>cerva</i>
Refrigerante	<i>refri</i>
Otorrinolaringologista	<i>otorrino</i>
Bijuteria	<i>biju</i>
Eletrocardiograma -	<i>Eletro</i>

Eletrodomésticos -	<i>Eletros</i>
Liliana	<i>Lili</i>
José	<i>Zé</i>
Isabel	<i>Isa ou Bel</i>
Flagrante	<i>flagra</i>

Quadro 3: Elaborado pela autora (2022)

Tal processo se mostra bastante produtivo no processo de formação de palavras na linguagem coloquial, já que abrange tanto o substantivo ‘comum’ quanto o ‘próprio’.

3.3.5 EXTENSÃO METONÍMICA E EXTENSÃO METAFÓRICA

Laroca (1994, p. 91) afirma que o enriquecimento do léxico também se dá por meio de recursos semânticos, como as extensões de sentido, que podem ser metonímicas (quando utilizamos uma palavra no lugar de outra, mas que se relacionam entre si) e metafóricas (quando produzimos sentidos figurados por meio de comparação). Os primeiros consistem no emprego do nome da marca registrada pelo produto, como em: chiclete (*Chiclets®*), bombril (*Bombril®*), xérox (*Xerox®*), jacuzi (*Jacuzzi®*). E sobre os segundos, a autora diz que “consistem na criação de novos usos para expressões e palavras já existentes, com base na relação de similaridade”, como nas seguintes expressões apontadas pela autora: ‘**abrir o jogo**’ = falar francamente; ‘**pisar na bola**’ = fazer algo errado com alguém; ‘**bola pra frente!**’ = não desanime, continue!’. Acrescentamos ainda: ‘**matar a pau**’ = quando uma pessoa realiza algo de maneira excelente; ‘**jogar a toalha**’ = expressão para dizer que a pessoa está desistindo de algo; ‘**chutar o balde**’ = desistir de tudo; ‘**enfiar o pé na jaca**’ = realizar qualquer tipo de exagero ou comportamento abusivo.

3.3.6 SIGLAS/ REDUÇÃO SINTAGMÁTICA /ACROSSEMIA

A gramática tradicional nomeia sigla como “o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras siglas, constituídas pelas letras iniciais das palavras que os compõem”, como definem Cunha e Cintra (2016, p 130). É o que sucede a longas denominações que são substituídas pelas siglas, tais como: FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), PCC (Primeiro Comando da Capital), PT (Partido dos Trabalhadores), AIDS (Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida), ONU

(Organização das Nações Unidas). Algumas vezes, a sigla passa a ser sentida e usada como forma primitiva, como em: petista, aidético, peemedebistas. Laroca (*op. cit.*) nomeia esse processo como *redução sintagmática* ou *acronímia*. Já Monteiro (2002, p. 174) nomeia esse processo de formação de palavras como *acrossemia* e aponta que “a acrossemia é proporcionalmente tão fértil quanto a braquissemia, já que, na realidade, ambos os processos têm a mesma natureza e funcionamento”, ou seja, a economia linguística.

Após revisitarmos os principais processos de formação de palavras, considerados importantes propulsores para o enriquecimento do léxico, abordaremos a discutível questão do **grau do nome** na língua portuguesa, como é tratada por algumas gramáticas normativas seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)³ e, por outro lado, sob uma perspectiva linguística.

³ Instituída pela Portaria nº 36, de 28-01-1959, do Ministério da Educação e Cultura.
Ver documento completo em: <https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf>

4. A CONTROVÉRSIA DO GRAU DO NOME

Alguns autores de gramáticas normativas da língua portuguesa, a exemplo de Cunha e Cintra (2016) e Cegalla (2020), seguindo a NGB e a partir de uma longa tradição do idioma, costumam classificar a categoria do grau do nome (substantivo e adjetivo) como um processo flexional. Outros entendem que tal categoria pertence ao processo de derivação sufixal, como os autores Bechara (2004), Câmara Jr. (1996), Rocha Lima (2011) e Rocha (1998). Outros, ainda, como flexão de grau e como derivação, ao mesmo tempo, como em Cereja (2012).

Os autores que entendem essa categoria como um processo flexional e se alinham às exigências da norma classificatória incorrem, de acordo com as exigências da norma, em um equívoco, pois os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos, quando realizados através de sufixos, caracterizam-se como processos morfológicos derivacionais (como em *colherzinha, colherão; carrinho, carrão*) e, quando realizados por meio de adjetivos **grande** e **pequeno**, caracterizam-se como processos sintáticos. Rocha (1998, p.43) se alinha aos autores acima citados, quando afirma que “o grau sintético do substantivo deve ser inserido no estudo da derivação sufixal, enquanto que o grau analítico não é uma categoria gramatical do português e não precisa ser, portanto, descrito na gramática.”

Já Rocha Lima (2011, p.135) entende que há dois tipos de gradação do nome: a *gradação dimensiva*, próprio dos substantivos e a *gradação intensiva*, dos adjetivos. O autor entende que quando o grau, aumentativo ou diminutivo, se realiza de forma analítica (com adjetivos ‘grande’ ou ‘pequeno’, ou outro de sentido equivalente) trata-se de um processo de **adjetivação** e quando se realiza de forma sintética, trata-se de um processo de **derivação**.

Cunha e Cintra (2016, p.213), em conformidade com a NGB, admitem a flexão de grau para o substantivo e a existência de três graus para o substantivo: o normal, o aumentativo e o diminutivo. Contudo, não desconsideram que, o que denominam ‘aumentativo’ e ‘diminutivo’, nem sempre indica o aumento ou a diminuição das proporções de um ser, quando afirmam que “essas noções são melhores expressas pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos grande e pequeno, ou sinônimos que acompanham o substantivo.” (CUNHA e CINTRA, *op. cit.*).

Câmara Jr. (1996) contesta a concepção de Cunha e Cintra e assegura que não há, em relação ao grau, uma sistematização ordenada, regular e precisa, como há para a flexão. Ademais, o caso de uma palavra ser utilizada no diminutivo não impõe aos demais constituintes da oração a adotarem essa mesma regra; portanto, conclui que a concordância

não é obrigatória. E acrescenta: “Nem todos os nomes substantivos portugueses têm um diminutivo correspondente, e os que existem podem ser usados, ou não, numa dada frase, de acordo com a vontade do falante.” (*Op. cit.* 1996, p.81). Resumindo, o autor conclui: “A expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si.” A falta de consenso entre alguns gramáticos e linguistas sobre o grau de nomes (substantivos e adjetivos) ainda gera alguma polêmica. Em consonância com Câmara Jr., Bechara (2004) afirma:

Os substantivos apresentam-se com sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais: homem, homenzarrão, homenzinho. A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação para o substantivo: aumentativo e diminutivo. A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação e não de flexão. [...] A flexão se processa de **modo sistemático, coerente e obrigatório** em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levava o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*. (BECHARA, 2004, p. 140).

Essa visão do autor sobre o grau do substantivo se apoia no gramático latino Varrão (116 a.C. - 26 a.C.), que fazia distinção entre o processo de *derivatio voluntaria* (relacionado à derivação) e o processo *derivativo naturalis* (relacionado à flexão). Enquanto o primeiro faz referência à criação de novas palavras a partir de sufixos já existentes no inventário da língua, o segundo é caracterizado pela imposição da própria natureza da frase, cujos morfemas flexionais estão “concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação”[...] além de possuírem a ‘concordância’ como principal característica, pois [...] “há concordância de número singular e plural e de gênero feminino e masculino entre um substantivo e seu adjetivo, como há concordância de pessoa gramatical entre sujeito e verbo”, declara Câmara Jr. (1996, p.82).

Outro ponto a ser destacado é que, na flexão, não há mudança de sentido, enquanto que, na derivação, o resultado é um novo vocábulo. Nesse sentido, alinhamos nossa perspectiva à do autor acima citado, por considerarmos que os sufixos responsáveis pela marcação de grau nos nomes são elementos que pertencem ao paradigma da derivação, pois a noção de gradação nem sempre é o que está presente na palavra derivada, mas produzem uma palavra com carga semântica que pode se distanciar, muito ou pouco, da palavra que a originou, como podemos verificar nos seguintes grupos de palavras que reunimos:

GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III
Porta → Portão – (sufixo <i>-ão</i>); s.m. Porta ou grade de ferro, madeira ou outro material de vários tamanhos, que fecha a abertura de um muro que separa a rua do jardim ou do pátio de uma residência ou de um edifício.	Camisa → Camisinha – (sufixo diminutivo <i>-inha</i>); s. f. Camisa de pequeno tamanho; Preservativo sexual.	Velho → Velhinho – (sufixo diminutivo <i>-inho</i>); adj. /s. m. Palavra usada quando o falante deseja mostrar afetividade;
Porta → Portinhola – (sufixos <i>-inha</i> e <i>-ola</i>); s. m. Porta que fecha armários, adegas, sótãos, guichês.	Camisa → Camiseta – (sufixo diminutivo <i>-eta</i>); s. f. Peça de vestuário de malha para homem ou mulher; Camisa de mangas curtas ou compridas, ou sem mangas, feita geralmente de malha, usada em contato direto com a pele, ou debaixo de uma blusa ou camisa, como traje informal; camisa de meia.	Velho → Velhusco – (sufixo diminutivo <i>-usco</i>); adj./s.m. Homem já um tanto velho/idoso, alegre, bem disposto;
Porta → Pórtico – (sufixo <i>-ico</i>); s. m. Entrada de um edifício, de um templo ou de um palácio; Átrio espaçoso, com abóbada sustentada por colunas ou pilares.	Camisa → Camisola – (sufixo diminutivo <i>-ola</i>); s. f. Espécie de camisa, longa ou curta, com ou sem mangas, usada como roupa de dormir pelas mulheres; camisola de dormir.	Velho → Velhote/velhota – (sufixo diminutivo <i>-ote/-ota</i>); adj./ s.m. Forma pejorativa para designar pessoa idosa, velha.

Quadro 4: Elaborado pela autora com definições do Dicionário Michaelis On-line (2022)

Podemos observar que as palavras do ‘grupo I’ e ‘grupo II’, derivadas, respectivamente, das palavras *porta* e *camisa*, têm entradas no dicionário como itens lexicais distintos da palavra que lhes deu origem, ou seja, possuem significado desvinculado da palavra originária pelo uso do sufixo aumentativo ou diminutivo. Tal fato assegura que o grau (aumentativo e diminutivo) constitui um caso de derivação, e não de flexão, já que palavras flexionadas pela categoria de número ou gênero não produzem entradas no dicionário como novo item lexical.

Já no ‘grupo III’, os sufixos diminutivos que se agregaram à palavra-base ‘velho’ (-*inho*, -*ote*, -*usco*) conferem sutis mudanças de sentido às suas derivadas, que serão percebidas quando inseridas em contextos comunicativos.

Ao considerarmos o aspecto da ‘não-concordância’ para sufixos derivacionais, reafirmamos, da mesma maneira, que não é pertinente se falar em flexão de grau. Nas palavras de Gonçalves (2005, p. 206): “*a concordância não opera obrigatoriamente entre afixos de grau*”, como podemos demonstrar no exemplo a seguir:

“A professora de yoga deu à luz duas menininhas lindas e espertas”.

Verificamos que não há imposição de concordância de grau diminutivo ‘*menininhas*’ com seus adjuntos ‘*lindas*’ e ‘*espertas*’, o que não acontece com o critério de obrigatoriedade da concordância de gênero e número, que se faz imperativo em se tratando da utilização da norma padrão. Entretanto, seria perfeitamente possível o falante dizer ‘*menininhas lindinhas e espertinhas*’, o que caracteriza a escolha como opcional e de questão pessoal ou de estilística.

Gonçalves (2005), em contraposição ao que afirmam Bechara (2004), Câmara Jr. (1996) e Cegalla (2020), compreende que as categorias de número, gênero e grau dos nomes não se encaixam em critérios rígidos de separação, mas que estão estendidos ao longo de um *continuum* que conecta dois polos, nos quais umas categorias se aproximam mais do polo da flexão e outras da derivação, e conclui:

Por ocupar posições mais centrais na escala de prototipicidade, os afixos de gênero e grau apresentam menor grau de pertencimento à categoria flexão, comportando-se, em português, como sufixações de limites movediços. (GONÇALVES 2005, p.207)

Para o autor, a categoria grau estaria muito próxima da derivação, enquanto o número e o gênero estariam mais próximos da flexão, principalmente quando consideramos o critério da não-concordância para o grau, o que explica o posicionamento de alguns teóricos e gramáticos, ao classificarem o grau dos nomes como derivação, e não flexão.

No capítulo subsequente, veremos como algumas gramáticas escolares, adotadas pelas escolas da Educação Básica, tratam a questão do grau do nome na língua portuguesa e como é feita a abordagem dos diversos sentidos que o sufixo -*inho(a)* pode conferir às palavras.

5. GRAMÁTICAS ESCOLARES EM FOCO: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Este capítulo do nosso trabalho se propõe a uma observação mais atenta de como algumas gramáticas escolares abordam o conteúdo ‘grau do nome’: se seguem a orientação tradicional da NGB, considerando a tradição gramatical diante da polêmica questão ou se alinham às pesquisas linguísticas recentes e aos estudos relacionados ao tema. Também investigamos de que forma as atividades/exercícios propostos nesses manuais ativam o conhecimento prévio do aluno sobre o estudo do diminutivo, em especial do sufixo *-inho(a)*, e se promovem a aproximação entre as atividades metalinguísticas, que usam a língua para analisar a própria língua, e as atividades epilinguísticas, que fomentam a observação e reflexão da língua nos processos de interação comunicativa no aprendizado do conteúdo a ser apresentado. Assim sendo, a partir da forma como o conteúdo foi explorado e apresentado nesses manuais, examinamos se houve uma preocupação, por parte dos autores, em explorar os vários sentidos que o sufixo *-inho(a)* pode conferir à sua base. Além disso, observamos se os exercícios de fixação do conteúdo promovem a compreensão desse fenômeno linguístico e se permitem que o aluno internalize os recursos da língua e ative sua gramática implícita, aquela que seus usuários utilizam de forma inconsciente e automática, por serem proficientes em sua língua, para que possam utilizá-la em contextos concretos e específicos de interação comunicativa.

Para tanto, nos dispusemos a analisar como quatro gramáticas escolares utilizadas no Ensino Básico (duas voltadas ao Ensino Fundamental e duas, ao Ensino Médio) abordam a classificação do grau diminutivo dos nomes: Giacomozzi, Valério e Reda (2016, p. 112); Sarmiento (2013, p. 167-169); Ferreira (2015, p. 263) e Abaurre, Abaurre e Pontara (2010, p. 191-193).

1) Gramática: Descobrindo a gramática



Figura 1: GIACOMOZZI, Gilio. VALÉRIO, Gildete; REDA, Cláudia M.; Descobrindo a gramática. Volume único. São Paulo: FTD, 2016.

Atividades

1. Leia.



GONSALES, Fernando *Niquel Náuseas* - nem tudo que balança cai! São Paulo: Deser, 2005, p. 40.

a) Retire da tira o substantivo com sufixo **-ão**.

b) Nessa palavra, o sufixo **-ão** indica aumentativo? Explique.

2. Dado o diminutivo sintético do substantivo, escreva a forma normal e o diminutivo analítico. Veja o exemplo.

Forma normal	Diminutivos	
	Sintético	Analítico
banco 	banqueta febrícula película selim moçoila rabicho	banco pequeno 

3. Agora, escreva a forma normal e o aumentativo analítico dos substantivos no aumentativo sintético. Veja o exemplo.

Forma normal	Aumentativos	
	Sintético	Analítico
gato 	gatão bocarra corpanzil vagalhão cabeçorra	gato enorme 

4. Escreva no plural.

a) pastel gostoso b) colher nova c) flor delicada d) anel dourado

* Agora escreva as expressões passando os substantivos para o diminutivo plural.

Figura 2: Descobrimos a gramática: volume único. São Paulo: FTD, 2016, p. 112

Esta gramática, voltada para o Ensino Fundamental, apresenta em seu Capítulo 4 – Morfologia – uma seção reservada para o estudo do substantivo. Quando se refere à categoria de grau, inicia a explicação, afirmando que o substantivo, além da forma normal, apresenta dois graus: o aumentativo e diminutivo. Afirma que o diminutivo sintético se forma com o auxílio de sufixos e que o diminutivo analítico, com auxílio de adjetivos, é formado de duas palavras (p.112). Contudo, os autores se isentam ao não entrarem no mérito da discussão entre gramáticos e linguistas, se o grau do substantivo é flexão ou derivação. Apresentam uma lista de sufixos diminutivos e aumentativos (p. 109), indo ao encontro do que preconizam as gramáticas normativas que apresentamos no presente trabalho, a saber

Cunha e Cintra (2016) e Cegalla (2020). Apontam que nem sempre a forma diminutiva é empregada para expressar a ideia de tamanho, mas que pode indicar outros sentidos: pejorativo, depreciativo, carinhoso e afetivo e que adjetivos com sufixo *-inho(a)* e podem determinar a ideia de intensidade, restrição ou afetividade, dependendo do contexto. A gramática em foco não coloca em questão a pertinência ou não em considerar a categoria de grau do substantivo como derivação por sufixação. Sobre as atividades do capítulo, constatamos apenas uma questão (p. 112) que pede para que o aluno explique o porquê de uma palavra ser escrita com o sufixo *-ão* (lixão) e não indicar aumentativo. Ressaltamos que os autores apenas tangenciam os diversos sentidos que o sufixo *-inho(a)* pode conferir aos nomes, além de não acionarem o conteúdo prévio que o aluno possui e de não promoverem uma reflexão mais profunda sobre o uso desse sufixo largamente utilizado na nossa comunicação diária.

2) Gramática: ‘Gramática em textos’



Figura 3: Gramática em textos. Editora Moderna (SARMENTO, 2013)

A gramática utilizada no Ensino Fundamental, de volume único, ‘Gramática em textos’, de autoria de Sarmento (2013) é dividida em capítulos, sendo um deles reservado para as classes de palavras. Ao tratar da ‘flexão dos substantivos’, a gramática assume que os substantivos podem expressar aumento ou diminuição e isto pode ser demonstrado de forma sintética ou analítica. A autora assume que os substantivos podem ser flexionados quanto ao grau, ao contrário do que abordam Bechara (2004), Rocha Lima (2011) e Gonçalves (2005), citados no presente trabalho. Ademais, a autora informa que os sufixos indicadores de grau expressam, às vezes, sentido depreciativo ou pejorativo, de grosseria ou

de zombaria, e que, outras vezes, o diminutivo pode acrescentar ao substantivo uma ideia de carinho, ternura e afetividade. Também aponta que alguns substantivos perderam o sentido gradativo de aumento ou diminuição (como pudemos perceber no exercício ‘c’ da página 167). Tal ideia se coaduna com o que ressalta Rocha Lima (2011, p. 138), quando afirma que “muitos aumentativos e diminutivos são meramente formais, isto é, não encerram ideia de aumento, ou de diminuição”. Um ponto de destaque nessa gramática é que a autora coloca em pauta a divergência entre gramáticos e linguistas sobre o grau do substantivo, apontando que uns consideram um processo de derivação e outros julgam essa formação como uma flexão do substantivo. Na mesma linha de apresentação do conteúdo, a gramática explora a relação de sentido pelo uso da forma diminutiva ou aumentativa dos substantivos, mesmo que de forma tímida nos exercícios.

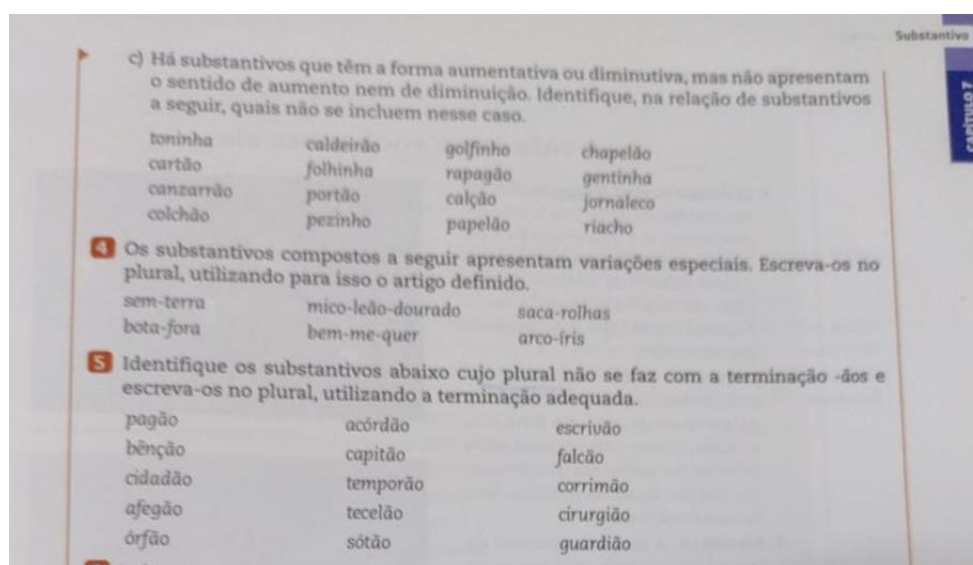


Figura 4: Gramática em textos. (SARMENTO, 2013, p. 167)

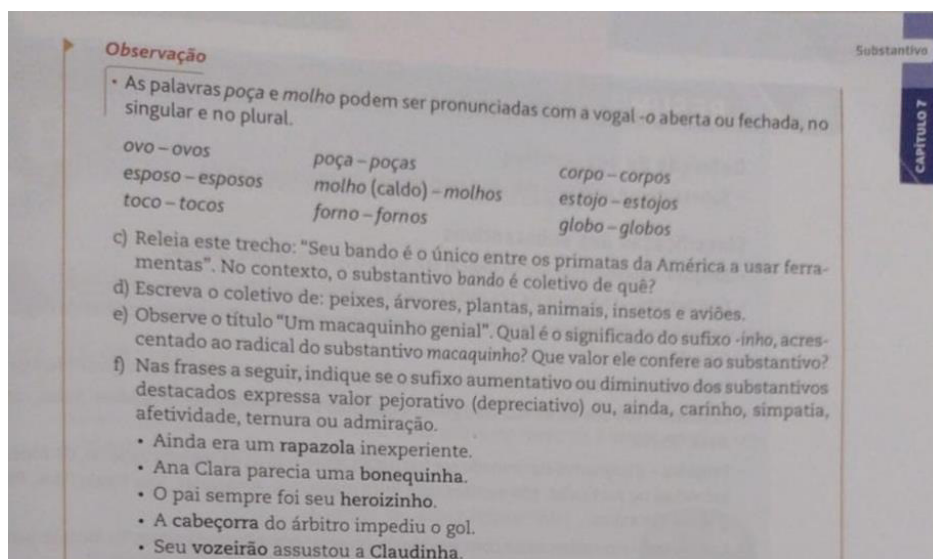


Figura 5: Gramática em textos. (SARMENTO, 2013, p. 169)

3) Gramática: 360º: Aprender e praticar gramática.



Figura 6: 360º: Aprender e praticar gramática. (FERREIRA, 2015)

A gramática analisada, indicada para o Ensino Médio, na Unidade 11 – Flexão do substantivo e do adjetivo – Graus do substantivo: aumentativo e diminutivo/ Formação do grau’ (p. 250 a 263), aponta que o substantivo pode apresentar-se nos graus normal, aumentativo e diminutivo e apresenta os dois diferentes processos de que se pode lançar mão para que haja essa variação de grau: o processo sintético e o analítico.

Logo no início da explicação, o autor expõe sua escolha classificatória da categoria do grau do nome, afirmando que se trata de derivação. Deixa claro que, diferentemente das categorias gênero e número, que têm apenas duas possibilidades de flexão e se realizam por meio de duas desinências específicas, a categoria de grau não ocorre por meio de desinências, mas sim por uma derivação por sufixação, quando ele estiver no grau diminutivo ou aumentativo sintético e quando estiver no grau aumentativo ou diminutivo analítico, trata-se apenas de um substantivo na forma normal acompanhado por uma palavra que exprime aumento ou diminuição. Essa visão se coaduna com os autores Rocha Lima (2011) e Rocha (1998). Na sequência, o autor apresenta os diferentes valores expressivos das formas sintáticas do diminutivo, quais sejam: ironia, desprezo, carinho, ternura, admiração. Além disso, mostra que certos substantivos, apesar de apresentarem sufixos aumentativos ou diminutivos, são semanticamente esvaziados, ou seja, formas que, com o passar do tempo, perderam a ideia de aumento ou diminuição.

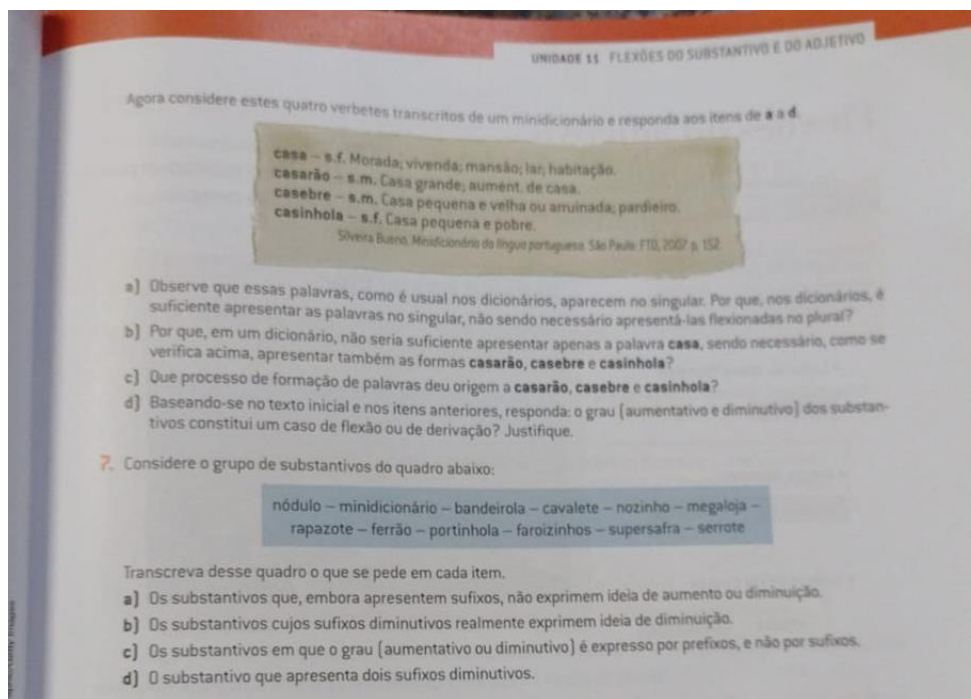


Figura 7: 360º: Aprender e praticar gramática. (FERREIRA, 2015, p. 263)

Sob uma perspectiva voltada à análise linguística, a gramática acima citada aborda a problemática do grau do substantivo, deixando explícita sua postura quando afirma que não existe grau de flexão para o substantivo, o que vai de encontro com o que diz a NGB. Com esse posicionamento, há uma promoção e contribuição dos fatos linguísticos para que haja um melhor conhecimento da estrutura textual, por parte dos alunos, bem como os efeitos de sentido produzidos pelo processo de formação de palavras com o sufixo *-inho(a)*. Entretanto, percebemos que haveria possibilidade de explorar, com mais aprofundamento, o conhecimento internalizado do aluno no que diz respeito às nuances semânticas pelo uso do sufixo *-inho(a)*, priorizando o texto como unidade comunicativa a partir de diversos gêneros textuais.

4) Gramática. ‘Texto: análise e construção de sentido’

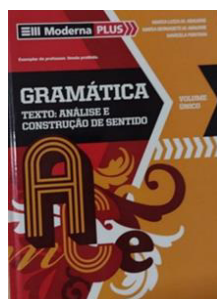


Figura 8: Texto: análise e construção de sentido. (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2010)

Neste manual, indicado para o Ensino Médio, no capítulo 12 – ‘Substantivo’, as autoras afirmam que substantivos sofrem flexão de gênero (masculino e feminino) e número (singular ou plural) e apresentam diferentes formas associadas à variação de grau: podendo ser usados com sua significação normal (no “grau” normal), diminuída ou atenuada (no diminutivo), aumentada ou intensificada (no aumentativo).

As autoras apontam, ainda, que algumas palavras da língua que eram, na origem, formas aumentativas e diminutivas de substantivos, com o tempo, dissociaram-se da ideia de tamanho e houve uma especialização do sentido de tais palavras, que são hoje tomadas como em grau normal, apresentando exemplos: *armarinho* – *cartão* – *portão* – *cartilha* – *folhinha* (*calendário*) – *lingueta* – *vidrilho* – *mamão* – *cordão*. Além disso, as autoras enfatizam que é comum que o uso de diminutivos e de aumentativos nas suas formas sintéticas se apresentem com conotação afetiva, depreciativa ou pejorativa, pois essas formas contribuem para a manifestação da subjetividade, caracterizando a função expressiva da linguagem.

As autoras tiveram especial atenção às atividades propostas, as quais envolvem gêneros diversos, como uma tirinha, um anúncio publicitário e uma crônica, o que consideramos um fato positivo, já que o aluno tem oportunidade de visualizar o conteúdo apreendido em distintos gêneros textuais. Nos textos, os diferentes sentidos que o aumentativo e o diminutivo podem conferir às bases as quais se agregam são explorados de forma que o aluno possa expandir e perceber tais sentidos. Na primeira questão (figura 9), há, na ‘tirinha’, uma palavra no diminutivo que é responsável por conferir o efeito de humor. Nela, o aluno deve perceber que seu uso teve valor de eufemismo ou atenuante, quando se quer amenizar situações que podem causar desconforto, um dos sentidos que o sufixo diminutivo *-inho(a)* pode conferir à sua base, observando o contexto comunicativo, de acordo com o que apresentaremos no capítulo 6 deste trabalho. Vejamos a questão referida no capítulo 12, p. 191, na figura abaixo:

ATIVIDADES

▶ Leia a tira a seguir para responder à questão 1.

1. A graça da tira está na explicação dada pelo médico para as causas das dores no corpo de Hagar. Qual a expressão que produz o efeito de humor?

a) Considerando a reclamação de Hagar, a expressão identificada é adequada para descrever o mal-estar da personagem? Por quê?

b) Qual pode ter sido a razão para o médico ter escolhido essa expressão?

Capítulo 12 - Substantivo

191

Figura 9: Texto: análise e construção de sentido. (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 191)

Já na segunda questão (Figura 10), o aluno deve ativar seus conhecimentos de mundo e associá-los aos efeitos de sentido dos elementos linguísticos (sufixos derivacionais) ‘-inho’ e ‘-ão’ (utilizados, no texto, nas suas formas autônomas), ao promoverem sentidos de atenuação ou aumento da significação por meio de pares opostos de afirmações, e, dessa forma, relacionar tais significações presentes no texto publicitário, a fim de contribuir para o efeito persuasivo do anúncio, intensificado pela conotação negativa associado ao sentido inferior que o sufixo *-inho(a)* pode carregar (atitudes e/ou situações vistas de forma negativa), em oposição ao valor positivo relacionado ao que é *-ão*, atitudes assertivas no texto. Tal atividade promove a percepção do aluno para os variados sentidos que os sufixos diminutivo e aumentativo podem conferir às palavras. Observemos a questão na figura abaixo (Figura 10):

Leia o texto de um anúncio publicado em 2006 a respeito do jornal O Estado de S. Paulo, mais conhecido como Estadão, para responder às questões de 2 a 4.

Veja: São Paulo: Abril, ed. 1998, ano 39, n. 8, 8 mar. 2006.



ESTADÃO
o jornal de quem pensa **ÃO**

Inho é motosserra. Ao é preservação. Inho é a invenção. Ao é a ajuda humanitária. Inho é ter inveja. Ao é ser do bem.	Inho é estresse. Ao é feriadão. Inho é o tédio. Ao é a adrenalina. Inho é imitar. Ao é criação. Inho é modismo. Ao é ter estilo.	Inho é o recado. Ao é o otimista. Inho é suborno. Ao é ser cidadão. Inho é fugir da rede. Ao é encerrar discussão.
--	---	---

2. O texto que aparece com mais destaque no anúncio é composto de duas afirmações. Como essas afirmações devem ser interpretadas, considerando o contexto? Explique.

► Que elementos linguísticos determinam o sentido de cada uma das afirmações? Por quê?

3. Que estratégia foi utilizada para a elaboração do texto que aparece dentro da letra "O"?

► De que maneira o uso dessa estratégia contribui para tornar o anúncio mais persuasivo?

4. Observe, agora, o enunciado do canto inferior direito do anúncio: Estadão — o jornal de quem pensa AO. Podemos afirmar que esse enunciado cumpre duas funções: identificar o perfil dos interlocutores e veicular uma imagem positiva do jornal. Explique.

► De que maneira a associação entre esse enunciado e as afirmações feitas no texto contribui para o efeito persuasivo do anúncio?

5. Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Um país de diletantes

[...] essa é a característica geral do país: camuflamos nosso mercenariado com singelos diminutivos. O policial, para manter as aparências, nunca cobra um suborno, mas uma "cervejinha". O fiscal da prefeitura leva uma "caixinha".

Unidade 4 - Classes de palavras

192

Figura 10: Texto: análise e construção de sentido. (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 192)

A questão 5 da página 192 (Figura 11) apresenta um fragmento de crônica, de um texto metalinguístico, em que é explorado o sentido subversivo conferido a algumas palavras no diminutivo, quando queremos amenizar certos comportamentos condenáveis, mas que, quando estão no diminutivo ('cervejinha', 'caixinha', 'azeitadinha') são dotadas de outros sentidos e parecem menos graves do que de fato o são; como será apontado no capítulo 6 do presente trabalho, quando apresentaremos a crônica de Veríssimo (1994). O aluno é levado

a perceber que o uso de palavras no diminutivo indica um sentido específico que o autor deseja imprimir ao texto, ou seja, amenizar atitudes consideradas reprováveis no nosso país.

Unidade 4 - Classes gramaticais

192

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Um país de diletantes

[...] essa é a característica geral do país: camuflamos nosso mercenarismo com singelos diminutivos. O policial, para manter as aparências, nunca cobra um suborno, mas uma "cervejinha". O fiscal da prefeitura leva uma "caixinha".

O político dá uma "azeitadinha". Ninguém se corrompe de forma direta, metódica, profissional. A gente é impreciso e diletante até para se vender.

MAINARDI, Diogo. *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 1737, ano 35, n. 5, p. 107, 6 fev. 2006. (Fragmento).

Diletante: que ou quem mantém uma atitude pouco séria, de amador, não profissional em relação a normas de ordem intelectual ou espiritual.



5. No texto, para fazer uma crítica a certos comportamentos que considera condenáveis no nosso país, o autor atribui ao diminutivo uma função específica. Qual é ela?

► Que situações, segundo o texto, comprovam esse uso do diminutivo?

Figura 11: Questão 5 da Gramática: Texto: análise e construção de sentido. (ABAURRE, 2010, p. 192-193)

Os exercícios de fixação, apresentados nesta gramática, visam colocar o aluno como competente usuário da língua e promover seu desempenho linguístico, por estimularem o sentido que tais diminutivos podem expressar e as relações semânticas que sinalizam nos textos. Essa postura está em consonância com o que salienta Antunes (2003, p. 96) quando afirma que o estudo da “gramática deve ter como referência o funcionamento efetivo da língua, que acontece não através de palavras e frases soltas, mas mediante a condição do texto”. Pois, de acordo com a autora, “É no âmbito do texto que se mostra, de fato, o que acontece no exercício da linguagem.” (ANTUNES, 2014, p.85).

Após as observações realizadas nesses manuais, percebemos que, em todos eles, há uma preocupação em demonstrar que o sufixo *-inho(a)* não se refere apenas ao tamanho físico de algo, mas, em contextos comunicativos, conferem outros aspectos subjetivos ao discurso. Em duas delas, Giacomozzi, Valério e Reda (2016) e Sarmento (2014), os autores optaram por classificar a categoria de grau do substantivo como um processo de flexão, como preconizam as gramáticas normativas que seguem a NGB. Nelas, observamos uma pequena

quantidade de exercícios que buscam acionar a articulação entre questões gramaticais com a prática linguística do aluno, além de não promoverem uma reflexão sobre como as estruturas gramaticais estudadas, principalmente do sufixo derivacional *-inho(a)*, funcionam no interior dos textos, dando preferência por apresentar listas de sufixos. Já Abaurre, Abaurre e Pontara (2010) e Ferreira (2015), em conformidade com a perspectiva de Bechara (2004) – gramático que mais se aproxima da perspectiva linguística –, Gonçalves (2005) e Câmara Jr. (1996), Rocha Lima (2011) optaram por classificar a categoria de grau do substantivo como um processo de derivação por sufixação. Ferreira (2015) enfatiza os efeitos de sentido produzidos pelo processo de formação de palavras com o sufixo *-inho(a)*; contudo, não prioriza o texto como unidade comunicativa em seus exercícios de fixação, dando preferência aos exemplos de frases soltas, problemática apontada por Antunes (2003, p. 92), quando afirma que “a gramática [os fenômenos linguísticos] deve existir em função da compreensão e da produção de textos orais e escritos.”. Pois, de acordo com a autora, “É no âmbito do texto que se mostra, de fato, o que acontece no exercício da linguagem” (ANTUNES, 2014, p.85). Sob outra perspectiva, Abaurre, Abaurre e Pontara (2010) deram relevância ao fenômeno linguístico (sufixos derivacionais de grau) nos exercícios propostos, conduzindo o aluno a analisar como ele participa da construção de sentido nos textos de diferentes gêneros (crônica, tirinha, anúncio publicitário), ao mesmo tempo que estimula o discente a ser observador da estrutura da própria língua pela forma como o conteúdo é apresentado (no interior do texto), buscando facilitar a aprendizagem e articulando questões da gramática com a prática dos alunos.

No próximo e último capítulo do nosso estudo, trataremos, especificamente, do sufixo *-inho(a)*, enfatizando sua grande aplicabilidade ao se juntar não apenas a substantivos e adjetivos, mas também, a outras classes gramaticais. Além disso, apresentaremos as variadas nuances semânticas que esse sufixo pode conferir às suas bases ao agregar-se a elas.

6. ESTUDO DO SUFIXO DERIVACIONAL *-inho(a)*

Conforme salientamos no capítulo 2 desse estudo, por sermos falantes nativos de uma língua, temos uma gramática internalizada que nos qualifica como profundos conhecedores da sua estrutura e das regras de funcionamento, capazes de criar infinitas possibilidades de combinações, seja no nível sintático, por meio da combinação de palavras nas frases, seja no nível morfológico, no que diz respeito ao uso de afixos para criação de novas palavras ou pelo processo de composição. Isso acontece tanto no discurso mais formal, quanto em situações coloquiais, principalmente pelo processo de sufixação, cuja função é ampliar o léxico de uma língua, no qual se incluem muitos sufixos diminutivos, que não, necessariamente, dizem respeito às dimensões espaciais do que se está falando, mas a outras intenções do falante, como afetiva, pejorativa, irônica, desdenhosa e enfática, dependendo do efeito de sentido que ele deseja causar no seu interlocutor/destinatário, no momento da produção do discurso.

Nesse capítulo, compilamos um número significativo de ocorrências de palavras formadas com o sufixo *-inho(a)*, considerando os seguintes aspectos: as diferentes bases ou classes gramaticais com as quais o sufixo *-inho(a)* pode agregar-se, produzindo novos sentidos; a gradação semântica de algumas palavras formadas por sufixos diminutivos ao juntar-se às bases de mesmo campo semântico; e as intenções discursivas por parte dos sujeitos da enunciação ao utilizar palavras com o sufixo *-inho(a)* para produzir variados efeitos semânticos.

De acordo com a classificação dos diminutivos feita por Cunha e Cintra (2016), são vários os sufixos diminutivos empregados no português, tais como: *-acho*, *-culo*, *-ebre*, *-eco*, *-ejo*, *-ela*, *-ete*, *-eto*, *-iço*, *-im*, *-isco*, *-ito*, *-ote*, *-ucho*, *-ulo*, *-únculo*, *-usco*. O sufixo *-(z)inho(a)* recebe destaque, por ser o mais utilizado na formação de diminutivos. Vejamos a tabela abaixo (**Figuras 12 e 13**):

Sufixos diminutivos

São estes os principais SUFFIXOS DIMINUTIVOS empregados em português⁵:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-inho, -a	toquinho, vozinha	-elho, -a	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	-ejo	animalejo, lugarejo
-ino, -a	pequenino, cravina	-ilho, -a	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim		

Figura 12: Tabela dos principais sufixos diminutivos (CUNHA e CINTRA, 2016, p.104)

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-acho, -a	fogacho, riacho	-ete	artiguete, lembrete
-icho, a	governicho, barbicha	-eto, -a	esboceto, saleta
-ucho, -a	papelucho, casucha	-ito, -a	rapazito, casita
		-zito, -a	jardinzito, florzita
-ebre	casebre	-ote, -a	velhote, velhota
-eco, -a	livreco, soneca	-isco, -a	chuvisco, talisca
-ico, -a	burrico, marica(s)	-usco, -a	chamusco, velhusco
-ela	ruela, viela	-ola	fazendola, rapazola

Figura 13: Continuação da Tabela dos principais sufixos diminutivos (CUNHA e CINTRA, 2016, p. 105)

Como podemos perceber, dentre os sufixos citados, “os mais produtivos são - (z)inho(a), provenientes do latim *-inus* e são de enorme vitalidade na língua desde os tempos antigos”, pois, “junta-se não só a substantivos, adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis” (2016, p. 105), completam Cunha e Cintra (*op. cit.*). Corroborando com os autores, Gonçalves (2005, p. 40) afirma que “é possível adicionar -(z)inho(a) a praticamente quase todos os nomes da língua”, pois, acrescenta ele, “esse sufixo tem aplicabilidade tão grande que pode até extrapolar os limites categoriais da base, anexando-se a pronomes, advérbios, numerais e interjeições”, e nos apresenta os seguintes exemplos:

Euzinho – pronome pessoal *eu* + sufixo

Nunquinho – advérbio *nunca* + sufixo

Tchauzinho - interjeição *tchau* + sufixo

Até loguinho – interjeição *até logo* + sufixo

Adeusinho – interjeição *adeus* + sufixo

Duzentinho - numeral *duzentos* + sufixo

A essas ocorrências acima elencadas por Gonçalves (*Op. cit.*), acrescentamos ainda:

Cedinho – advérbio *cedo* + sufixo

Sozinho – advérbio *só* + sufixo

Facinho – adjetivo *fácil* + sufixo

Rapidinho – advérbio *rápido* + sufixo

Essazinha – pronome demonstrativo *essa* + sufixo

Nenhumazinha - pronome indefinido *nenhuma* + sufixo

Quando se trata do uso de diminutivos, o sentido que ele pode encerrar depende, muitas vezes, do contexto em que se concretiza. E, nesse caso, podemos determinar, claramente,

dois aspectos: o primeiro é que o diminutivo é empregado, sobretudo, para aludir a uma dimensão pequena, quando agregado ao radical de uma palavra (*coqueiro/coqueirinho*), para designar uma linguagem afetiva (*pai/paizinho*) ou para expressar pejoratividade, ironia ou depreciação (*discurso/discursinho*); o segundo é que o diminutivo sempre acompanha a classe da palavra da qual ela deriva: *flor/forzinha* (ambas substantivas) e *bom/bonzinho* (ambas adjetivas) ou advérbio, como em *andar rápido/andar rapidinho*. Além disso, esse sufixo confere ao discurso um valor estilístico, permitindo que a linguagem se torne mais versátil e expressiva e passe a revelar nossos sentimentos e intenções pelas coisas e pelas pessoas, principalmente na língua coloquial falada, em que são permitidas expressões claras de subjetividade. Basílio (2004) evidencia que o uso do sufixo *-(z)inho(a)* para expressar pejoratividade e afetividade “tem natureza semântica e é o caso por excelência da expressão da atitude subjetiva em relação ao enunciado ou alguma de suas partes” (p.74). Observemos os exemplos:

A - Na época, ela era uma **escritorazinha** de segunda categoria.

B - A sala era de uma **decoraçãozinha** cafona.

Nesses exemplos, não se cogita o tamanho da escritora, tampouco podemos dimensionar a decoração da sala e, em ambos os casos, há um reforço da pejoratividade pelas expressões ‘segunda categoria’ e ‘cafona’, para evitar interpretações ambíguas. Em outra situação, o uso do sufixo derivacional *-(z)inho(a)* é utilizado para exprimir, claramente, uma atitude de desprezo, depreciação ou antipatia, como nos exemplos:

A – ‘Quem **essazinha** pensa que é?’ (= mulher insignificante)

B – ‘Ele joga charme para qualquer **zinha** que passe por ele’ (= mulher qualquer)

C - Esse **doutorzinho** não receitou nada que pudesse sanar a dor.

D - **Gentinha** barulhenta aquela sua vizinhança!

Observemos que em ‘B’, o sufixo *-inha* (mais seu infixos *-z*) carrega em si um sentido próprio e completo, sem ter a necessidade de se agregar a uma base com carga semântica definida, passando a um *status* de vocábulo.

Da mesma forma, há, no uso do diminutivo, na linguagem afetiva, uma função de atitude subjetiva pelo falante, frente ao seu enunciado, por meio do uso desse sufixo, em uma perspectiva semântico-discursiva, buscando mostrar que muitas formas em *-(z)inho(a)*

são geradas para materializar intenções discursivas por parte dos sujeitos da enunciação, que expressam uma atitude sentimental do falante em relação ao objeto, como em:

A - Presenteou-nos com aquele *sorrisinho* e saiu, serelepe, a caminho da escola.

B - Tinha uma *vidinha* tranquila.

C - Aquele *pezinho* faria inveja ao da Cinderela.

D – “Minha *inha*, minha *inha*, minha *inha*” (refrão da música ‘*Vumbora amar*’, interpretada pela banda Chiclete com Banana).⁴

Em ‘D’, também podemos observar que o sufixo *-inha* apresenta-se sem estar agregado a nenhuma base com carga semântica, subvertendo sua própria categoria de ‘forma presa’ e, dessa forma, ganhando *status* de substantivo com sentido próprio, que, no caso, significa ‘*a forma pela qual chamamos por uma pessoa (do sexo feminino) que não conhecemos, de modo afetoso, mas não sabemos seu nome*’⁵. Isso ratifica, mais uma vez, a relevância do sufixo *-inho(a)* para o enriquecimento do repertório lexical da língua portuguesa.

Outro aspecto relevante sobre o sufixo *-inho(a)* é que algumas palavras formadas com esse sufixo, originalmente utilizadas para caracterizar a diminuição de tamanho de um ser ou objeto, adquiriram, com o passar do tempo, significados por vezes distanciados do sentido da palavra que as originou, caracterizando, assim, uma evolução semântica do vocábulo, o que Rocha Lima (2011, p. 138) entende como diminutivos meramente formais. Listamos algumas dessas palavras:

ITEM LEXICAL	SIGNIFICADO
Abobrinha/falar abobrinha	Dizer coisas sem sentido, sem nexos ou sem noção; asneiras;
Almofadinha	Indivíduo que se veste de modo afetado, com demasiado esmero;
Aviãozinho	Indivíduo que serve como intermediário entre o vendedor e o comprador da droga.
Caixinha	Coleta de dinheiro para determinado fim; dinheiro usado para subornar alguém.
Casinha	Banheiro externo em casas do interior;
Casinho	Relacionamento amoroso sem importância e de breve duração;
Camisinha	Preservativo sexual;
Chapinha	Aparelho utilizado para alisar cabelos;
Cofrinho	Espaço entre as nádegas que é visto quando se usa roupa com cós muito baixo.
Fezinha/fazer uma fezinha	Refere-se a jogar, apostar em jogo de azar;

⁴ Vídeo clip da música ‘Vumbora amar’ <https://www.youtube.com/watch?v=3TJhY1zXtFk>

⁵ Regionalismo utilizado no estado da Bahia. Também aparece na forma ‘binho ou binha’.

Folhinha	Calendário;
Fulaninho	Alguém desprezível;
Inferninho	Boate pequena, pouco iluminada, com música barulhenta e ambiente geralmente ‘suspeito’;
Jeitinho	Encontrar alguma solução não ideal ou previsível para resolver um problema; habilidade; modo do ser, aparência;
Lanterninha	1. Profissão de quem usa a lanterna para indicar o lugar dos espectadores em casa de espetáculos, cinema; 2. Clube que, nos campeonatos de futebol, chega em último lugar;
Mauricinho	Rapaz que se veste com excessivo apuro e frequenta os lugares da moda;
Pegadinha	Cilada;
Pombinhos	Casal feliz; recém-casados;
Patricinha	Mulher que se veste com muito esmero e costuma pertencer a alta sociedade.
Panelinha/formar panelinha	Grupo fechado de pessoas que compartilham as mesmas ideias;
Salgadinho	Iguaria miúda servida como aperitivo ou como lanche;
Santinho	Tipo de propaganda eleitoral impressa em formato pequeno, com foto do candidato e informações sobre ele;
Tanquinho	Diz-se de abdome definido e musculoso, típico de pessoa que pratica muito exercícios físicos;
Tirinha	Curta história em quadrinhos em uma só ‘tira’, geralmente, com um tom humorístico.
Vaquinha/fazer uma vaquinha	Arrecadar dinheiro de várias pessoas com o objetivo de quitar ou comprar algo.

Quadro 4: Elaborado pela autora (2022)

De acordo com Bechara (2004, p. 152, 295), na linguagem informal, o sufixo diminutivo *-(z)inho(a)*, quando adicionado a adjetivos e advérbios, pode atribuir aos radicais, aos quais se agrega, um valor superlativo, intensificando a carga semântica dessas categorias gramaticais, como nos exemplos que selecionamos e listamos abaixo:

- “Ela andava **devagarzinho**.” (= muito devagar);
 “Papai acordava **cedinho** e ia ver a plantação.” (= muito cedo);
 “O chefe saiu **agorinha**.” (= nesse exato instante);
 “Voltava com a sacola **cheinha** de frutas.” (= muito cheia);
 “O garoto **lindinho**, que sentou lá atrás, é meu vizinho.” (= muito lindo);
 “Coitado... era **feinho** de dar dó!” (= muito feio);
 “Não eram gêmeas, mas eram **iguazinhas**” (= muito parecidas, semelhantes);
 “Vivia **sozinho** naquela cabana”. (= inteiramente só)

Em contrapartida, quando o sufixo *-inho(a)* se agrega ao adjetivo ‘**bonito** → **bonitinho**’, via de regra, causa um efeito contrário aos exemplos anteriores, enfraquecendo a carga semântica da base, como nos exemplos a seguir:

Exemplo 1:

Contexto: Duas amigas indo às compras.

- “- O que você achou daquele vestido da primeira loja?
 - **Bonitinho**...
 - Hummm... Já vi que vai escolher o da última.”

Exemplo 2:

Contexto: Professor de matemática, em dia de prova, ao entrar na sala de aula e se deparar com a lousa repleta de fórmulas (já que os alunos teriam de memorizá-las).

“- Quem foi o **bonitinho** que fez isso?! Levante-se e apague-as!”

No exemplo 1, o uso do sufixo *-inho(a)*, agregado ao adjetivo bonito, na frase proferida pela interlocutora no diálogo, sugere um sentido de uma gradação entre feio e bonito, ou, informalmente falando, é um ‘feio arrumadinho’ (= muito bem arrumado), mas não o suficiente para ela escolher aquele vestido. Já no segundo exemplo, há, claramente, um sentido de ironia proferido pelo professor, que quer dizer, realmente, que a atitude do aluno não foi nada correta, nem bonita.

Isso mostra que, quando se trata dos variados sentidos que o sufixo *-inho(a)* pode conferir às suas bases ao unir-se a elas, sofrerá grande influência do contexto em que está inserido, o que determinará fortemente o sentido final da palavra.

6.1 ANÁLISE DA CRÔNICA ‘DIMINUTIVOS’

Um texto bastante ilustrativo e humorado, que destaca os aspectos emocional e atenuante (espécie de eufemismo) pelo uso do sufixo *-inho(a)* e os variados sentidos que tal sufixo pode atribuir à base a que se agrega, é a crônica ‘**Diminutivos**’, do escritor e cronista

Luís Fernando Veríssimo, que mesmo não sendo um linguista, observa com bastante acuidade os fenômenos da língua. Vejamos:

Diminutivos

Luís Fernando Veríssimo

Sempre pensei que ninguém batia o brasileiro no uso do diminutivo, essa nossa mania de reduzir tudo à mínima dimensão, seja um cafezinho, um cineminha ou uma vidinha. Só o que varia é a inflexão da voz. Se alguém diz, por exemplo, "Ô vidinha", você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias. Nem é uma vida, é um comercial de cigarro com longa metragem. Um vidão. Mas se disser "Ah vidinha..." o coitado está se queixando dela, e com toda a razão. Há anos que o seu único divertimento é tirar sapatos e fazer xixi. Mas nos dois casos o diminutivo é usado com o mesmo carinho.

O francês tem o seu "tout petit peu", que não é um diminutivo, é um exagero. Um "pouco todo pequeno" é muita explicação para tão pouco. Os mexicanos usam o "poco", o "poquito" e -- menos ainda que o "poquito" -- o "poquetín". Mas ninguém bate o brasileiro.

Era o que eu pensava até o dia, na Itália, em que ouvi alguém dizer que alguma coisa duraria um "mezzoretto". Não sei se a grafia é essa mesma, mas um povo que consegue, numa palavra, reduzir uma meia hora de tamanho -- e você não tem nenhuma dúvida de que um "mezzoretto" dura os mesmos trinta minutos de uma meia hora convencional, mas passa muito mais depressa -- é invencível em matéria de diminutivo.

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais.

"Operação", por exemplo. É uma palavra assustadora. Pior do que "intervenção cirúrgica", porque promete uma intervenção muito mais radical nos intestinos. Uma operação certamente durará horas e os resultados são incertos. Suas chances de sobreviver a uma operação... sei não. Melhor se preparar para o pior.

Já uma **operaçãozinha** é uma mera formalidade. Anestesia local e duas aspirinas depois. Uma coisa tão banal que quase dispensa a presença do paciente.

[...]

No Brasil, usa-se o diminutivo principalmente em relação à comida. Nada nos desperta sentimentos tão carinhosos quanto uma boa **comidinha**.

-- Mais um **feijãozinho**?

O **feijãozinho** passou dois dias borbulhando num daqueles caldeirões de antropófagos com capacidade para três missionários. Leva porcos inteiros, todos os miúdos e temperos conhecidos e, parece, um missionário. Mas a dona de casa o trata como um mingau de todos os dias.

-- Mais um feijãozinho?

-- Um **pouquinho**.

- E uma **farofinha**?
- Ao lado do **arrozinho**?
- Isso.
- E quem sabe mais uma **cervejinha**?
- **Obrigadinho.**

O diminutivo é também uma forma de disfarçar o nosso entusiasmo pelas grandes porções. E tem um efeito psicológico inegável. Você pode passar horas tomando "cervejinha" em cima de "cervejinha" sem nenhum dos efeitos que sofreria depois de apenas duas cervejas.

- E agora, um **docinho**.
- E surge um tacho de ambrosia que é um porta-aviões.

Quadro 5: Crônica ‘Diminutivos’ (VERÍSSIMO,1994)

Na crônica, o autor constrói seu texto, destacando que o aspecto sentimental fica bastante explícito quando esse sufixo é adicionado a palavras que denotam alimentos, com em *arrozinho*, *docinho*, *feijãozinho*, *farofinha* e tantas outras que utilizamos quando queremos convencer e agradar nosso convidado a se deleitar com tais delícias, isentando-o de qualquer culpa por possíveis excessos gastronômicos.

Outra situação frisada, de forma espirituosa por Veríssimo (1994), em que empregamos o diminutivo, é quando queremos atenuar uma situação que nos causa desconforto, medo ou ameaça. Para isso, utilizamos eufemismos, como no caso das palavras ‘*operaçãozinha*’, que não é uma operação, pois isso nos faria pensar em uma grande cirurgia de longa duração e de resultados incertos; ou tomar um ‘*remedinho*’, algo simples sem efeitos colaterais, não um tratamento mais prolongado; ou quando o médico diz que vai fazer uma ‘*incisãozinha*’, ele quer tranquilizar seu paciente que fará um acesso cirúrgico menos invasivo e de cicatrização mais rápida, sem maiores danos; ou mesmo, que a ‘*fraturazinha*’ sofrida, rapidamente será consolidada ou que a ‘*picadinha*’ da ‘*injeçãozinha*’ não vai doer nada. É interessante observar que o cronista, de maneira bem-humorada e jocosa – sem nenhuma profundidade linguística, mas apenas como um bom observador dos fatos da língua – ressalta a plasticidade que o sufixo *-inho(a)* confere às palavras às quais se junta e como os falantes são eficazes em manipular seu uso para atingir seus objetivos comunicativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse trabalho, abordamos os processos de formação de palavras no português brasileiro sob as perspectivas tradicional e linguística, dando ênfase especial ao sufixo *-inho(a)* e suas nuances semânticas. Atingimos nosso objetivo geral, qual seja, trazer à tona a problemática da classificação do grau do nome (substantivo e adjetivo), visto que ainda não há um consenso se se trata de um processo flexional ou derivacional. Partimos da análise de algumas gramáticas normativas, que seguem a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), procurando fazer um contraponto com alguns teóricos da linguística. Discorremos sobre a evolução semântica do léxico no processo de formação de palavras pelo uso dos sufixos, que nas gramáticas normativas é tratada, via de regra, apenas sob o aspecto da caracterização de classes de palavras ou categorias lexicais, como vimos em Celso e Cintra (2016) e Cegalla (2020), que também afirmam que a categoria de grau do nome deve ser tratada como um processo de flexão. Já os gramáticos Bechara (2004), o que mais se aproxima da perspectiva linguística, Rocha Lima (2011) e o linguista Mattoso Câmara Jr. (1996) entendem que a categoria de grau não se trata de um processo flexional, já que cumpre os critérios do processo derivacional, que foram descritos e exemplificados no curso desse trabalho, quais sejam: irregularidade, não-concordância, opcionalidade e a não-estabilidade semântica.

A partir da análise de quatro gramáticas escolares, no capítulo cinco desse trabalho, verificamos que ainda não se chegou a uma uniformidade sobre a categoria de grau do substantivo nessas gramáticas escolares; o que para nós ainda é um problema que gramáticos e linguistas têm que se debruçar para se chegar a um entendimento e a uma estabilidade classificatória. O estudo também apontou que, na maioria das gramáticas escolares analisadas, o tratamento dado ao estudo do sufixo derivacional diminutivo *-inho(a)* não atendeu às expectativas, no que diz respeito a forma como o conteúdo foi trabalhado (através de frases soltas, ao invés de textos) nos exercícios propostos e por não articularem os fenômenos linguísticos estudados com o dinamismo da língua em uso.

Realizamos, ao final desse trabalho, um estudo que buscou aprofundar-se no processo de sufixação derivacional pelo sufixo *-inho(a)*, apresentando sua relevância e seu alto grau de produtividade na língua, seja por sua facilidade em se agregar a bases de diferentes categorias gramaticais, seja por sua grande plasticidade em expressar a subjetividade do falante na comunicação, quando estes querem atender a seus objetivos discursivos, nas mais variadas situações de interação. Esse sufixo, conforme demostramos, se constitui como um

dos mais profícuos para o enriquecimento do léxico da língua portuguesa, como enfatizam Gonçalves (2005), Basílio (2004) e Bechara (2004) e outros autores citados nesse trabalho, haja vista ser muito utilizado na linguagem informal, em que a comunicação permite a inserção de palavras com efeitos mais distantes do seu significado original ou de base, característica esta que imprime identidade e personalidade à língua.

Reafirmamos que não tivemos, com este estudo, a intenção de abordar as teorias linguísticas (Estruturalismo e Gerativismo) que embasam o processo de formação de palavras, mas apresentar evidências, a partir da perspectiva linguística, para elucidar a controvérsia classificatória do grau do nome, especificamente em se tratando do sufixo *-inho(a)*, sem que, com isso, tenhamos tido a pretensão de encerrar essa temática.

Não desmerecemos aqui todo o trabalho descritivo e de grande contribuição para o estudo dos processos lexicais nos manuais analisados. Ao contrário, por concebermos a língua como uma estrutura viva, em que seus usuários têm papel ativo e total autonomia na criação de novas palavras na língua, entendemos que, no processo de ensino e aprendizagem, o docente deva apresentar as possibilidades de uso dos afixos para que o aprendiz seja, cada vez mais, capaz de criar e compreender novas palavras na língua E, acima de tudo, que o professor considere a dinâmica desse processo e a criatividade e competência linguística do aprendiz.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Gramática. Texto: análise e construção de sentido*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2010.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. 14 reimpr. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa com exercícios*. 1ed. 4 reimp. Rio de Janeiro: Lucerna. 2004.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 49 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2020.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza C.; *Gramática: texto, reflexão e uso*. 4 ed. São Paulo: Atual, 2012.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.
- FERRARI NETO, José. *Morfologia Derivacional*. In: RIBEIRO, M^a das Graças Carvalho. (org.). *A Morfologia e sua interface com a sintaxe e com o discurso*. 2 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- FERREIRA, Mauro. *360º: aprender e praticar gramática*. 4 ed. – São Paulo: FTD, 2015.
- GIACOMOZZI, Gilio. VALÉRIO, Gildete; REDA, Cláudia M.; *Descobrimos a gramática: volume único*. São Paulo: FTD, 2016.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Ed. Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora, UFJF, 1994.

- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- MELO, Maria de Fátima B.; *Possibilidades de formação de palavras no português com o sufixo -eiro*. In: *Flores verbais*. Org. Jurgem Heye. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho. *A Morfologia e sua interface com a sintaxe e com o discurso*. 2 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Flexão e derivação em português*. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 193-208.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- SARMENTO, Leila Lauar. *Gramática em textos: volume único*. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2012.
- VERÍSSIMO, L. F. *Diminutivos*. In: VERÍSSIMO, L. F. (Org.). *Comédia da vida privada. 101 crônicas escolhidas*. Porto Alegre: LP&M, 1994.